



MUNICÍPIO DE AVEIRO
Assembleia Municipal

ACTA N.º 32

Sessão Ordinária de Junho

1ª Reunião de 30-06-1999

Aos trinta dias do mês de Junho de mil novecentos e noventa e nove, no Auditório da Sede da Junta de Freguesia de Santa Joana, reuniu a Assembleia Municipal de Aveiro, presidida por Carlos Manuel Natividade da Costa Candal, secretariado pelo Primeiro Secretário João Pedro Simões Dias, e Segundo Secretário Custódio das Neves Lopes Ramos, e com a presença dos seguintes Vogais: Carlos Filipe de Andrade Neto Brandão, Virgínia Celeste das Neves Rodrigues da Silva Veiga, José Augusto Fernandes Júnior, João Pires da Rosa, Álvaro Patrício do Bem, Ana Carla Guerra de Miranda Macedo, Fernando Cardoso Leitão Miranda, João Alberto Simões Barbosa, Britaldo Normando de Oliveira Rodrigues, Jorge Carvalho Arroiteia, Virgílio António Couceiro da Cruz Nogueira, Nuno Teixeira Lopes Tavares, Ermelinda Clara Fernandes Oliveira Ribeiro Costa, António Manuel Gonçalves Pinho Vinagre, Lucas Amaro Rodrigues, Armando Manuel Dinis Vieira, Victor Manuel da Silva Martins, Joaquim António Gaspar Melo Albino, António Sousa Dinis Correia, Luís Miguel Capão Filipe, João José Ferreira da Maia, Manuel Simões Madaíl, Dinis Marques, Manuel Arede de Jesus, Manuel Branco Pontes e António Manuel dos Santos Salavessa.

Pelas 18:30 horas o Presidente da Mesa declarou aberta a reunião.

Procedeu-se à chamada e verificaram-se as faltas dos Vogais: Raúl Ventura Martins, Henrique Manuel Morais Diz, Fernando Vieira Ferreira, Jorge Manuel do Nascimento, Diogo Manuel Santos Soares Machado, Joaquim dos Santos Abreu e Élio Manuel Delgado da Maia.

Seguidamente o Presidente da Mesa deu nota dos pedidos de justificação de faltas apresentadas pelos vogais, José Augusto Fernandes Júnior, João Pires da Rosa, Nuno Teixeira Lopes Tavares, Rogério Mário Madaíl da Silva, João Pedro Simões Dias, Jorge Manuel do Nascimento, Manuel Simões Madaíl e Élio Manuel Delgado da Maia as quais foram aceites e consideradas justificadas.

Presidente da Mesa:

“Meus senhores. Minhas senhoras. Senhores Deputados.

Considerando que esta Assembleia funciona em termos menos tradicionais, menos ortodoxos, faço aqui também um entorse ao Regimento, permitido-me tecer umas breves considerações preliminares aos trabalhos da nossa Assembleia. E para dizer o seguinte: na última ou na penúltima Sessão, a Assembleia, por sugestão já não sei de quem, se calhar minha, não me lembro, entendeu que a Assembleia Municipal de Aveiro devia reunir, sem cadência obrigatória, de vez em quando fora dos muros da cidade antiga; quer-se dizer, do núcleo urbano principal do nosso concelho - e é isso que estamos a fazer, para nos aproximarmos (nós Assembleia Municipal), das populações do nosso concelho que representamos e que queremos e de quem queremos ser procuradores e mandatários, o melhor que for possível e dentro das regras pluralistas da Democracia, que é assim que funcionamos hoje em dia, felizmente.

Porquê S.^{ta} Joana? Eu penso que a Assembleia Municipal já há muitos mandatos que tem saído da sua sede, para fazer visitas; mas reunir propriamente, penso que é a primeira vez que isso acontece - reunirmos fora da sede da Assembleia Municipal.

Foi escolhida S.^{ta} Joana pela Mesa, sendo certo que, esta Freguesia, tem estas magnificas instalações e também por uma outra razão subjectiva para esta primeira reunião ser feita fora dos muros - em S.^{ta} Joana. Tem a ver com a ligação pessoal que eu próprio e o Segundo Secretário da Mesa o Deputado Custódio Ramos, pessoal e política que temos nesta Freguesia. A história conta-se muito brevemente.

No ano não sei qual, já não me lembro, fui procurado por vários cidadãos representativos desta zona - que ainda não era freguesia - para, sendo eu Deputado à Assembleia da República, propor a criação da Freguesia de S.^{ta} Joana. Foram-me apresentados, abaixo assinados, vários documentos e eu adoptei essa pretensão como minha. Depois o principal problema era estabelecer os limites, particularmente no que se refere a S. Bernardo. Eu andei por aí, no inverno, lembro-me bem disso e há uma chave de uma zona particularmente crítica e que era difícil de resolver por uma razão muito singela; porque os dois párocos destas populações, estavam em conflito aberto, aguerrido e muito viril, que não chegou a dar corpo a corpo, enfim, pela sua própria civilidade e pela minha intervenção, mas na disputa de uma tira pequena de território que tinha habitação e moradores. Isso é uma história ultrapassada porque chegou-se ao fim de bastante tempo e muita discussão, chegou-se ao entendimento onde é que a extrema da nova freguesia devia ser delimitada nessa zona, de onde eu já não saí sozinho.

Entretanto tinha saído a lei que permitia e definia as regras de criação de novas freguesias, eu minutei um projecto de lei, para a criação da Freguesia de S.^{ta} Joana, que disciplinado como sou, apresentei à hierarquia do meu grupo parlamentar, que era o primeiro, que seria a primeira nova freguesia criada depois do 25 de Abril. Mas com alguma surpresa, passado algum tempo, porque eu não pertencia à Comissão Especializada dessa matéria, percebi que o meu próprio partido já tinha lá em andamento uns cinco ou seis outros projectos, e eu tinha sido esquecido, quando era suposto ser o primeiro. Maior estranheza tive quando vi esses cinco ou seis projectos, que estavam postos à frente do meu, e o respectivo articulado tinha sido copiado do meu texto e nem sequer me tinham pedido autorização e não recebi direitos de autor.

Isto é uma história antiga e o processo da criação da freguesia começou a ser desenvolvido com a tramitação normal, até que, ainda antes da aprovação, a Assembleia Nacional da República foi dissolvida. E eu, no mandato seguinte, embora tendo sido cabeça de lista por Aveiro, o que me era lisonjeiro, resolvi fazer uma perrice - para quem sabe da vida política do PS, pertenci ao grupo do ex-Secretariado, que era liderado por vários elementos nomeadamente pelo António Guterres, e os supostos deputados desse grupo fizeram uma barragem - não aceitaram ser deputados. E portanto, no mandato de oitenta e três, oitenta e cinco, eu não fui deputado e não pude prosseguir com o projecto da criação da Freguesia de S.^{ta} Joana.

Foi então, o deputado municipal Sr. Custódio Ramos, que era nessa legislatura deputado nacional, que perfilhou o processo e fez as emendas que entretanto se tinha tomado necessário, promoveu a sua tramitação, acompanhou, e levou finalmente à votação e à aprovação do Parlamento Nacional. E foi criada a nova freguesia. Que está em franco desenvolvimento, não é zona que eu frequento normalmente, e hoje andei aí às voltas porque os sinais indicativos, dizem "Junta de Freguesia", mas estão actualmente todos errados - indicam não sei para onde.

Os meus parabéns à população de S.^{ta} Joana, a minha alegria pelo manifesto desenvolvimento e pela qualidade arquitetónica e ambiental que a freguesia apresenta, as minhas saudações e o meu agradecimento aos munícipes (presumo que da freguesia) que tiveram a amabilidade de nos frequentar e estão presentes."

Entretanto entrou na sala o vogal Manuel António Coimbra Rodrigues da Silva.

Vogal Victor Martins:

“Muito obrigado Sr. Presidente.

Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Aveiro. Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Aveiro. Ex.mos Srs. Vereadores do Município de Aveiro. Ex.mos Senhores Membros da Assembleia Municipal. Caros amigos de S.^{ta} Joana. Minhas senhoras. Meus senhores.

É uma grande honra para esta Junta de Freguesia e para a população de S.^{ta} Joana que representamos, receber V/Ex.as nesta casa. Recebemos V/Ex.as como dignos representantes do Povo de Aveiro, a que nos orgulhamos de pertencer, e como representantes do verdadeiro poder local, daquele poder local que vem às pessoas, que vive, trabalha e luta para as pessoas da sua terra.

Assim entendemos a política, num trabalho forte e empenhado junto das comunidades onde todos ficam mais sensibilizados para os problemas e assim, com engenho e arte saberemos encontrar as soluções capazes de ajudar a nossa população, principalmente a mais desfavorecida e aquela que é sempre eternamente mais esquecida, a população das periferias.

Entendemos grandes obras que na sua magnitude e importância dignificam a nossa cidade, agora só não entendemos que as mesmas sejam feitas prejudicando os meios pobres, aqueles que ainda não têm as condições mais elementares e essenciais à qualidade de vida de todos aqueles que vivem neste espaço de Aveiro e que neste limiar do século vinte o devem ter por pleno direito.

Não vou ocupar V.Ex.as com as situações desta jovem freguesia que tem o grato prazer de vos receber, apenas permitam-me lembrar V/Ex.as para as dificuldades reais e duras, para quem as vive, mas também para quem as partilha e não tem, nem encontra soluções de justiça, que ponha cobro ao sofrimento de alguma população esquecida dos centros de decisão.

Obrigado por estarem em S.^{ta} Joana e as suas gentes, obrigado a todos pelo vosso trabalho em prol de S.^{ta} Joana e de Aveiro.

A Junta de Freguesia de S.^{ta} Joana com a colaboração da Câmara Municipal de Aveiro, a quem agradecemos, tem o grato prazer de oferecer a V/Ex.as um exemplar sobre a vida da padroeira da terra que vos acolhe, S.^{ta} Joana Princesa, obra de um nosso amigo e grande homem de Aveiro o Monsenhor João Gaspar.

Obrigado e votos de bom trabalho em S.^{ta} Joana que a todos vos recebe com grande amizade.”

Entretanto entrou na sala o vogal Pedro Machado Pires da Rosa.

Vogal Jorge Arroiteia:

“Sr. Presidente. Srs. Deputados. Na altura da realização desta Sessão Ordinária do mês de Junho da Assembleia Municipal de Aveiro, na Freguesia de S.^{ta} Joana, congratulamo-nos com esta iniciativa, que deve ser entendida não como as cortes da velha monarquia, mas sim como um gesto significativo do Poder Democrático.

Estamos em S.^{ta} Joana para testemunhar o nosso apreço pelo Poder Local e pelos esforços desenvolvidos pelos autarcas a nível da Freguesia e do Município, na prossecução de diversos projectos relacionados com o bem estar das populações e do desenvolvimento local.

Saudamos nesta intervenção o povo de S.^{ta} Joana, Autarquia Local e Autarquia Aveirense e também os esforços desenvolvidos pelo Sr. Presidente da Mesa, na criação da Freguesia de S.^{ta} Joana. Muito obrigado.”

Entretanto entrou na sala o vogal Manuel Júlio Braga Alves.

Vogal Armando Vieira:

“Sr. Presidente dá-me licença? A propósito da questão em apreço permita-me que referencie aqui o facto de ter cumprimentado e bem o Povo de S.^{ta} Joana, o progresso da Freguesia de S.^{ta} Joana, mas julgo que por distração esqueceu-se de cumprimentar a Junta de Freguesia de S.^{ta} Joana, por ser a motora, a dinamizadora desse mesmo progresso. Daí o meu cumprimento à Junta de Freguesia de S.^{ta} Joana, por ser a dinamizadora daquilo que está à vista nesta Freguesia.”

Presidente da Câmara:

“Muito obrigado Sr. Presidente. Só para assinalar esta primeira Assembleia Municipal aberta; cumprimentar o Sr. Presidente da Assembleia por esta iniciativa, que politicamente é cheia de significado; cumprimentar também o Sr. Presidente da Junta pela hospitalidade e pelas condições que soube reunir para receber condignamente esta Assembleia, acho que também é uma forma de prestarmos um reconhecimento ao trabalho que tem sido feito por esta freguesia e por todas as outras, porque se bem percebi o espírito e a iniciativa do Sr. Presidente da Assembleia, estas Assembleias irão ter lugar noutras freguesias e é por isso também uma forma de nós, responsáveis autárquicos, sublinharmos o carácter único do concelho, no sentido de que não há freguesias de segunda e de terceira e de primeira categoria, o poder político exerce-se em todas, nas condições logísticas que o concelho neste momento dispõe e que permitem de facto que a mobilidade dos homens autárquicos possa ser quase total e com isso termos uma aproximação muito real, entre as pessoas e os responsáveis que estão eleitos. Isso vai permitir, como eu espero que esta Assembleia demonstre, que não só nós possamos todos aqui ter um eco directo de alguns anseios das populações, como também que as populações possam perceber o trabalho que se faz numa Assembleia Municipal e as limitações e as virtudes que estas reuniões contêm. Acho que é uma iniciativa louvável a todos os títulos e portanto, queria cumprimentar o Sr. Presidente da Assembleia Municipal por isso. Muito obrigado.”

Seguidamente o Sr. Presidente da Mesa deu nota de toda a correspondência recebida, informando os Srs. Deputados que a mesma se encontra disponível para consulta no Gabinete de Apoio à Assembleia Municipal.

Continuando no uso da palavra leu a ordem de trabalhos da Sessão Ordinária do mês de Junho, cujos pontos se transcrevem:

Ponto n.º 1 - Comunicação Escrita do Presidente da Câmara;

Ponto n.º 2 - Regulamento de Resíduos Sólidos Urbanos e Higiene Pública do Município de Aveiro - Discussão e aprovação;

Ponto n.º 3 - Regimento da Assembleia Municipal - Discussão e aprovação.

De seguida o Sr. Presidente da Mesa, colocou à votação do plenário as seguintes actas:

Acta n.º 27 - Colocada à discussão não se verificaram intervenções. Submetida à votação foi a mesma aprovada por unanimidade.

Acta n.º 28 - Colocada à discussão não se verificaram intervenções. Submetida à votação foi a mesma aprovada por unanimidade.

Acta n.º 29 - Colocada à discussão não se verificaram intervenções. Submetida à votação foi a mesma aprovada por maioria com uma abstenção.

Acta n.º 30 - Colocada à discussão não se verificaram intervenções. Submetida à votação foi a mesma aprovada por maioria com uma abstenção.

Acta n.º 31 - Colocada à discussão verificaram-se as seguintes intervenções:

Vogal Filipe Brandão:

“Sr. Presidente, apenas para chamar à atenção de um lapso na folha quatro. Quando eu teci alguns considerandos a uma intervenção do Sr. Armando Vieira, classifico-a de “grandiloquente” e vem escrito como uma intervenção “grande e eloquente”. Portanto solicitava a correcção para “grandiloquente”.”

Vogal Virgínia da Silva Veiga:

“Na página imediatamente a seguir, na parte relativa à intervenção em que falei dos Marxistas/Leninistas/Maoístas, há uma situação paralela: onde se fala de “figuras proeminentes” que é o que deveria estar escrito; diz-se “figuras preeminentes”, penso que se referiam a mim, mas o que eu disse foi “proeminentes”.

Submetida à votação foi a mesma aprovada por maioria com três abstenções.

Entrou na sala o vogal António Ildebrando Nunes Costeira.

Continuando e nos termos do art.º 60 do Regimento da Assembleia Municipal, o Sr. Presidente da Mesa deu a palavra para intervir aos munícipes:

Senhor Rui Henrique Couceiro Ribeiro de Barros:

“Boa tarde Sr. Presidente. Boa tarde minhas senhoras e meus senhores. Eu trabalhei quinze anos nesta Assembleia Municipal e nunca tive pretensões políticas, nem nunca pensei vir falar a esta Assembleia. Porque a minha função era de ser funcionário e geralmente era-nos sempre vedada a palavra.

Eu estou aqui na situação de representante de uma associação que está a ser criada, que é a associação dos operadores da actividade marítima turística da Ria de Aveiro, que neste momento compreende as empresas “Tur-Aveiro” com sede em S. Jacinto; a “EcoRia” com sede em Aveiro e a “Bestida-Tur” com sede na Murtosa.

Estas três empresas, são as únicas na jurisdição da Ria de Aveiro que têm o alvará passado pela Direcção Geral de Portos, para exercer tal actividade. Existe também a Câmara Municipal de Aveiro, que tem a actividade marítima turística apenas com a Lancha S.^{ta} Joana Princesa. Devo informar que conseguir este alvará, dada a legislação bastante complicada, é um processo bastante moroso bastante complicado, é muito exigente, tem custos muito elevados: quanto a vistorias, licenças de embarcações, quanto a meios de salvação, tripulações a que estão sujeitas, ... é bastante demorado, e só de facto uma grande persistência é que levou estas três empresas a conseguirem este alvará e a avançarem.

É uma actividade sazonal, como toda a gente sabe isto cinge-se aos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e parte de Setembro, e nós pretendemos fazer disto uma actividade com qualidade - que Aveiro merece, tem potencialidades para isso. Queremos colocar guias turísticos nas embarcações; queremos ter uma marinha a trabalhar onde os turistas possam efectivamente tirar fotografias e ver como é que se amamham as marinhas; queremos ter um barco moliceiro a

navegar na Ria de Aveiro, com vela - para que ao menos os turistas vejam um barco moliceiro com vela, porque infelizmente os barcos que estão na Ria de Aveiro, nomeadamente os que estão aqui no canal central, nem sequer têm mastro, não têm velas, nem apetrechos e nós queremos pôr de facto um barco a navegar na Ria sem motor, para que os turistas possam tirar fotografias. Isto são investimentos, que já estão a ser bastante elevados, tanto nas embarcações que comprámos, como naquilo que pretendemos fazer - são investimentos bastante avultados. E isto não se compadece, de facto, com actividades paralelas que não estão avalizadas e que nos estão a causar alguns problemas, porque nós temos de facto que ter receitas para podermos concretizar e pagar aquilo que adquirimos e concretizar as intenções que temos.

Com dois operadores já conseguimos mais ou menos, um entendimento: com um transportador de moliço e com um transportador de sal. Eles não transportam turistas e nós nas nossas embarcações não transportamos sal, nem moliço. Mas não deixa de ser uma primeira abordagem da questão.

Falta-nos de facto talvez a sensibilização da Câmara de Aveiro e desta Assembleia. Eu antes de vir aqui, tive o cuidado de expor este assunto ao Sr. Presidente, que me encaminhou para o Sr. Vereador Jaime Borges - isto no final do ano passado. Conversei com todos os Vereadores e só depois disso é que vim aqui. Vim aqui para manifestar de facto o desagrado pelo facto da Câmara andar, no nosso entender, a fazer uma concorrência desleal porque anda a oferecer viagens e em nosso entender, essas viagens deveriam ser pagas, porque entendemos que a Câmara ofereça viagens a certas entidades, mas como aconteceu por exemplo neste fim de semana, em que três moliceiros da Câmara, mais uma lancha da TransRia, transportaram o Sindicato dos Bancários - que é uma classe que até tem o seu poder de compra; na terça feira passada foram mais três moliceiros com professores à borla; e os nossos barcos, as nossas tripulações ficam ali a vê-los passar. Com isto penso que tem que haver um bocado de sensibilização, para aquilo que estamos a fazer.

Por exemplo, há problemas que surgem paralelos a este, não só este da oferta das viagens, que nós entendemos que deveriam de ser pagas; por exemplo, nós temos a lancha no “Canal Central” à qual nos é vedado o gásóleo das pescas - subsidiado. Portanto, nós sabemos por exemplo, que as lanchas, tanto a S.^{1a} Joana, como as lanchas da TransRia, abastecem na Doca de Pesca com o gásóleo subsidiado, a nossa é impensável fazer uma coisa destas, quer dizer, os custos para nós até são mais elevados porque não podemos fazer isso; se fizéssemos isso automaticamente a embarcação era apreendida pela Guarda Fiscal.

E depois, quer dizer, as tripulações que estão sempre em contacto umas com as outras e que são bastante reivindicativas, nomeadamente a classe dos pescadores, falam constantemente e vêem o que acontece com as outras tripulações. Por exemplo, a tripulação da S.^{1a} Joana: eles dizem que a “tripulação da S.^{1a} Joana é que é bom, porque vão para ali às nove da manhã, abrem a lancha, sentam-se lá dentro todo o dia, fecham a lancha às cinco e meia, não fazem nenhum, passam o Inverno, a Primavera e o Outono naquilo, e ganham o deles e nós é que temos que estar aqui assim a trabalhar e até ganhamos menos que eles”. Depois falam com outras tripulações, por exemplo, com as da TransRia, e dizem “aqueles é que ganham bem, porque já não vão de férias há seis anos, ganham o décimo quinto mês e ainda por cima ganham horas extraordinárias e nós só ganhamos isto”. E nós temos que atender a estas situações, porque isto é impensável nós não darmos férias aos nossos funcionários durante meia dúzia de anos, a pagarmos o décimo quinto mês - porque isto vai contra todas as normas do trabalho e da segurança. Se houvesse um acidente, depois ia-se saber porque é que eles não gozam férias, ... foi cansaço!? Isto são problemas de menos importância mas que nos causam também um certo embaraço. Portanto, isto é um facto que se detecta a todo o momento.

Ainda aqui há dias foram tecidos nesta Assembleia comentários desagradáveis sobre a nossa nova embarcação; que não era bonita, que estava mal estacionada, quer era feia, chamaram-lhe até um nome, mas isto são opiniões para denegrir a imagem daquela embarcação. Eu por acaso

também tenho outras opiniões quanto a embarcações da Câmara. Por exemplo, eu não gosto nada de em S. Jacinto, porque vivo lá, e que esteja uma lancha há sete anos ali parada, chamada Transria, que custou uns largos milhares de contos, nunca teve licença de navegabilidade, sempre que navegou fê-lo ilegalmente, e eu também não gosto de ver aquilo. Não gosto por exemplo, que a Transria, que tem só alvará para transporte social de passageiros entre S. Jacinto e a outra margem, com horários regulares, faça também a actividade marítimo/Turística, porque não está licenciada para isso.

Para terminar, entenda-se que nós investimos no Turismo, acreditamos no Turismo na Região de Aveiro; é nosso propósito melhorar a qualidade, divulgar a Região. Pagamos os nossos impostos, criamos postos de trabalho, cumprimos todas as normas que nos foram exigidas pelas autoridades marítimas e que cada vez são mais. Pedimos a compreensão desta Assembleia, desta Câmara, como partes intervenientes no desenvolvimento da Região, que se possível revejam a posição que têm neste momento. Pela nossa parte estamos abertos para uma franca colaboração até para a formação de uma parceria neste domínio e que na prática até tem vindo a verificar-se, pois a Câmara por várias vezes este ano solicitou os nossos serviços, dado que a lancha S.^{ta} Joana está em reparação. Se não estivesse em reparação se calhar todas as viagens que nos foram solicitadas também seriam de borla. Era só isto Sr. Presidente. Muito obrigado.”

Senhora Maria Eulália Vaz Pinto de Queirós:

“Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Aveiro. Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Aveiro. Ex.mos Srs. Vogais da Assembleia Municipal. Minhas senhoras. Meus senhores.

No seguimento do movimento de contestação ao elevado custo da tarifa de ligação ao saneamento da rede pública, a Comissão de Moradores de Aradas vem hoje recordar alguns argumentos já apresentados que, embora pertinentes, não têm colhido a adesão da Câmara e das entidades responsáveis e acrescentar novos dados para a compreensão de uma situação que nos parece de extrema injustiça.

Será essencial, em primeiro lugar, ter consciência da arbitrariedade subjacente à fixação do montante da referida tarifa. Na verdade, o mesmo serviço público, exige em três concelhos contíguos, no mesmo distrito, o pagamento de três quantias bem distintas.

Por outro lado, é importante notar a gritante injustiça que decorre da cobrança dessa tarifa por caixa, o que leva que o proprietário de uma casa tenha que pagar oitenta e dois mil e quinhentos escudos e o proprietário de uma apartamento num prédio de dez fogos tenha que pagar apenas oito mil, duzentos e cinquenta escudos.

Para além disto, apesar do valor demasiado elevado da tarifa, verificamos que o serviço efectivamente prestado é, em alguns casos, claramente medíocre, reportando-nos, concretamente, à instalação defeituosa das caixas de ligação, impeditiva da montagem eficaz do sistema.

Atente-se também sobre o argumento em várias ocasiões apresentados pelo Sr. Presidente da Câmara, segundo o qual o pagamento agora exigido constituiria uma tributação única e “para toda a vida”. Uma leitura de um qualquer recibo dos SMA e das tarifas mensais cobradas poderá, facilmente, fazer constatar a imprecisão desta afirmação, levando-nos a concluir que se trata, sim, de um conjunto diversificado de tributações durante toda a vida.

Gostaríamos, agora, de focar a vossa atenção sobre a palavra “diálogo”, conceito que prezamos e que parece ser valorizado actualmente em política. Julgamos nós que, como via privilegiada de entendimento entre as pessoas, o real significado dos seus princípios deverá estar presente na gestão da questão concreta que nos mobilizou na condução de um processo com vista a uma solução que, sendo de consenso, traduzirá os interesses de ambas as partes. Foi assim que, durante a nossa última intervenção nesta Assembleia, quisemos conferir a esta palavra “diálogo”

um destaque de protagonista. Contudo, o tom inflexível e ameaçador da correspondência que, desde então, alguns moradores e representantes da sua comissão têm recebido por parte dos SMA é revelador de um entendimento diferente, de quem se coloca numa posição de decisões já tomadas que não admitem revisão ou reflexão.

É este o caso do ofício número três mil setecentos e vinte seis dos SMA que, redigido de uma forma confusa, pouco esclarecedora do seu destinatário e ignorando as questões previamente levantadas, terminava com a ameaça explícita de desencadear, e cito, “o procedimento normal” caso os pagamentos se não verificassem dentro do prazo estabelecido. Esse documento refere o regulamento Municipal de Distribuição de Água e Drenagem de Águas Residuais e cita o artigo número duzentos e cinquenta e nove, relativo às condições previstas para isenção de pagamento dos encargos decorrentes da execução do ramal de ligação de saneamento. É, no entanto, sabido que essas condições se aplicam exclusivamente a pessoas que recebem rendimentos mínimos ou reformas de valor extremamente reduzido, ignorando, assim, que existem outras pessoas e famílias que, não estando abrangidas pelo disposto neste artigo do referido regulamento, dispõem de rendimentos que transformam o pagamento exigido num golpe extremamente pesado no orçamento familiar.

Gostaríamos de terminar, renovando a nossa convicção da justeza das nossas posições e insistindo na necessidade de estabelecer o diálogo como instrumento estruturante da solução que, acreditamos, virá a ser encontrada.

Entretanto entrou na sala o vogal Rogério Mário Madaíl da Silva.

De seguida entrou-se no período regimental de Antes da Ordem do Dia.

PERÍODO DE ANTES DA ORDEM DO DIA

Saiu da sala o vogal António Manuel Santos Salavessa.

Presidente da Mesa:

“Anuncio desde já, que subscrito por todas as bancadas, há uma proposta de um “voto de congratulação” referente à conquista da Taça de Portugal, pelo Beira Mar.

«A Assembleia Municipal de Aveiro expressa publicamente o seu júbilo pela conquista da Taça de Portugal pelo Sport Clube Beira Mar, clube na qual endosso os votos de parabéns expressando, ainda, o voto de rápido regresso à I Divisão do Campeonato Nacional de Futebol, circunstância que reputamos de inteiramente justa e que Aveiro e toda a sua Região merece e justifica».

Vogal Filipe Brandão:

“Sr. Presidente. Srs. Vogais da Assembleia Municipal. Agora sim, no uso da palavra a bancada do Partido Socialista associa-se também à saudação à Freguesia de S.^{ta} Joana, congratulamo-nos por estar hoje entre as gentes laboriosas de S.^{ta} Joana, e uma referência não poderia deixar de ser feita, que tem esta Freguesia de S.^{ta} Joana um lugar privilegiado no coração dos membros do Partido Socialista, da Mesa da Assembleia Municipal, responsáveis pela criação legislativa desta Freguesia, facto incontornável da história e que por uma feliz coincidência podemos hoje saudar o como se reencontram o Sr. Custódio Ramos e o Dr. Carlos Candal, na Mesa desta Assembleia Municipal, facto pelo qual nos congratulamos.

Em segundo lugar, também uma saudação, V/Ex.a referiu já a existência de uma Moção na Mesa da qual eu sou subscritor, uma saudação muito especial ao Sport Clube Beira Mar pela

grande vitória obtida no Estádio Nacional, conquistando a Taça de Portugal.

Mas para além da vitória desportiva, urge fazer uma referência política a essa vitória: e a referência não pode deixar de ser, uma saudação efusiva à Câmara Municipal e em especial à figura e à pessoa do seu Presidente - Dr. Alberto Souto. É de inteira justiça que quem assume riscos, seja penalizado quando eles não correm bem, mas que seja de igual modo louvado quando os riscos que são assumidos, chegam a bom porto.

O apoio que a Câmara Municipal de Aveiro, com particular destaque ao Sr. Presidente, ao Beira Mar, sendo um risco criticável, e tanto é criticável que já neste órgão foi criticado, é: atentos aos resultados e a projecção que Aveiro mereceu por força da vitória do Beira Mar, justificava, razão, para hoje de modo particularmente acalorado, saudarmos a opção da Câmara Municipal, porquanto sem ela, seguramente, não teria sido atingido tal desidrato. Os meus parabéns também Sr. Presidente.

Em terceiro lugar, congratular-me enquanto membro da bancada do PS, pela vitória do Partido Socialista em Aveiro no último acto eleitoral. A vitória do Partido Socialista em Aveiro, deixando a mais de quatro pontos percentuais o PSD, terá sido porventura a resposta mais cabal, aos infelizes cartazes e por isso ridículos, que o PSD fez espalhar em Aveiro e presumo que no território nacional, de que “a Rosa estava murcha”. Logo após a colocação desses cartazes o PS, obteve, de há muitos anos a esta parte que tal não sucedia, uma vitória sobre o PSD em Aveiro, refiro-me ao concelho de Aveiro, em eleições de cariz nacional.

Permito-me depois considerar que o PSD em Aveiro não escondeu que em Aveiro mantém uma tendência de descida e não se pense, porque certamente seria sobre isso atacado: que com uma vitória do PS, me estaria a reportar a questões de consideração de ordem nacional, em algo estranhas a esta Assembleia. Não! Reporto-me à vitória que o PS obteve no concelho de Aveiro, reporto-me a correspondente derrota do PSD em Aveiro. Porém como também não se pode bater sempre no PSD, vai uma palavra de solidariedade, de estímulo e de rápidas melhoras para o líder do PSD, que está incapacitado e não pôde vir encerrar o encontro que os deputados do PSD tiveram em Aveiro.

Finalmente porque as questiúnculas partidárias não são o fundamental na vida de ninguém; uma palavra de júbilo pelo facto de Aveiro ter sido distinguido pelo Sr. Presidente da República, como palco da celebração do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades. Penso que esta Assembleia não poderá deixar de manifestar a sua satisfação, o seu reconhecimento, com mais esta distinção que o Sr. Presidente da República deu a Aveiro; e recorde-se que Aveiro havia merecido já a suprema honra de ser distinguida com a Ordem da Liberdade - a primeira cidade a ser distinguida - e portanto, numa ocasião em que Aveiro soube uma vez mais hospedar os mais altos representantes da nação: o Sr. Presidente da República, o Sr. Primeiro Ministro, penso que V/Ex.a o Sr. Presidente da Assembleia, se tal for o assentimento de todo este plenário, deveria enviar a sua excelência o Sr. Presidente da República uma mensagem de reconhecimento de todo este concelho. Muito obrigado.”

Vogal Britaldo Rodrigues:

“Sr. Presidente. Srs. Vogais e Colegas desta Assembleia. Em primeiro lugar eu quero de facto apresentar a minha saudação aos munícipes da Freguesia de S.^{ta} Joana. De facto, hoje muitas vezes procura-se descentralizar, procuramos ir a locais para encontrarmos munícipes e é isso que está a acontecer aqui hoje: é a afluência de pessoas. Quer dizer que de facto os munícipes da Freguesia de S.^{ta} Joana, apresentaram-se aqui participando democraticamente. Parece-nos ser muito importante e por isso temos também de agradecer o facto de aqui estar hoje a participar nesta reunião.

Quero manifestar também a minha saudação à Junta de Freguesia e particularmente, ao seu Presidente que algumas vezes nesta Assembleia até nem terá sido muitas vezes bem tratado - penso eu - e que efectivamente aqui se apresenta agora depois de sanadas muitas confusões que

existiram e quero por isso mesmo saudá-lo, pela sua presença aqui nesta sua Junta. Também dizer que de facto, a bancada do Partido Socialista tem a Freguesia de S.^{ta} Joana no coração, desde a sua fundação ...!; nós PSD também temos e felizmente verificamos que maioritariamente a Freguesia de S.^{ta} Joana também tem o PSD no coração.

Em segundo lugar, quero-me congratular pela celebração em Aveiro do dia dez de Junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades. É um dia de união entre todos os Portugueses, não há portanto, que tirar proveitos políticos dos actos que aqui se verificaram e tão só reconhecer a capacidade de todos os aveirenes na construção de um concelho que se impõe positivamente no contexto nacional. Este reconhecimento da parte do Presidente da República leva-me a concordar com a proposta feita pelo meu colega de bancada do PS.

Seguidamente quero também apresentar ao Partido Socialista, as minhas felicitações pela vitória que se verificou na eleição para o Parlamento Europeu e particularmente ao Presidente desta Assembleia, que foi eleito como deputado do Parlamento Europeu - e é de Aveiro, e portanto, esperamos naturalmente, que seja um factor importante da nossa Região, no Parlamento Europeu.

Devo dizer que discordo de algumas das afirmações que ainda agora foram produzidas, como por exemplo: a tendência de descida do PSD, que não se verificou. Tivemos exactamente até à décima a mesma percentagem que tínhamos tido em mil novecentos e noventa e quatro, ou seja, trinta e três virgula três por cento. Não há dúvida nenhuma que houve um crescimento do PS, mas não houve uma descida do PSD. Portanto, isso rigorosamente e em termos matemáticos está perfeitamente definido.

Quero dizer ainda que durante esta campanha para o Parlamento Europeu, que me parece que houve alguns erros que podem incredibilizar de facto os próprios políticos. Não há dúvida nenhuma que o grande tema em que rondou toda a campanha, foi a eleição para Presidente do Parlamento Europeu do Dr. Mário Soares, quando efectivamente não era isso que se votava, mas não que subliminarmente quase que se fazia a pressão, que se não votar em Mário Soares, quase que era ir contra os interesses da pátria - o que não era verdade. Porque em primeiro lugar, era preciso garantir que o Partido Socialista Europeu ia ganhar as eleições, o que não sucedeu - quem ganhou foi o PPE. Portanto, já não é tão liquida essa eleição.

Por outro lado, é evidente que dizermos que Mário Soares, como Presidente do Parlamento Europeu, iria defender os nossos interesses, obviamente que isto também não está certo. Porque como se sabe, o que se pede a um Presidente de um Parlamento, é isenção. É evidentemente uma situação que ele não podia, naquela situação, ir proteger os interesses Europeus. Isto exige-se em qualquer Parlamento, em qualquer Assembleia Municipal, na Assembleia de um povo e na Assembleia de um bairro. Portanto, aqui houve de facto, uma situação de ir a trás de uma proposta que ao fim e ao cabo, digamos que era um "bluff".

Quero seguidamente referir o seguinte: é que acabaram ontem as Jornadas Parlamentares do PSD, em Aveiro, onde se manifestou um grande interesse dos Deputados da Assembleia da República Portuguesa, em se inteirarem dos problemas da Região. Penso que quer no caso do PSD, ou quer outro grupo parlamentar, é sempre positivo, e eu quero manifestar a minha satisfação por este interesse pelo conhecimento dos problemas de Aveiro, dos seus êxitos e das suas necessidades.

Quero também louvar a capacidade, a tenacidade, o brilho com que o Beira Mar conquistou a Taça de Portugal; é de citar a situação do Beira Mar descer de Divisão e ganhar a Taça. Dá-me ideia que algo deveria ser analisado com cuidado - não será aqui o sitio - mas para algumas derrotas e empates do Beira Mar, a sensação que eu tenho é que algo no futebol deve ser discutido.

Quero também dizer que continuo a pensar, que os moldes como são dados os apoios pela Câmara Municipal ao Beira Mar, não são os mais adequados. Na verdade o Beira Mar, não tem que andar a agradecer o que for apoio da Câmara Municipal, há que equacionar a nível do

Beira Mar, do desporto profissional, e aliás é curioso porque eu disse isso já várias vezes e actualmente pessoas insuspeitas do Partido Socialista, vêm defender os mesmos princípios: estou-me a lembrar que há tempos o Dr. Raúl Martins, e agora algumas crónicas do jovem socialista que é Afonso Candal - que tem defendido que na verdade haverá sem dúvidas, que calcular o que é devido a um clube desses, isto é, se nós dissermos que de alguma forma divulga o nome de Aveiro, nós poderemos pensar em termos de marketing, em quanto custaria uma operação semelhante - tentar quantificar isso. Quanto quantificaria também, até certo ponto e de alguma forma, o facto de tanta gente vir a Aveiro, eventualmente por o Clube estar na segunda divisão ou na primeira, e vai dar com certeza um valor; e hotéis; e tanta coisa. Eu creio que seria possível quantificar, não sei se no fim íamos ter mais ou menos dinheiro para o Beira Mar. Mas ficamos talvez com a consciência mais tranquila, e portanto sem dúvida nenhuma apoiar o Beira Mar, mas de forma mais quantificada.

Seguidamente, eu queria ainda referir que várias pessoas têm falado comigo sobre um tema que eu já aqui também trouxe mas que é oportuno novamente trazer - que é as pistas de bicicletas, na Avenida Dr. Lourenço Peixinho. Na altura nós dissemos que era bom fazer um inquérito, o Sr. Presidente da Câmara diz que o iria fazer - mas ainda não sabemos os resultados; e também na altura pousemos o problema do estacionamento. Pois é verdade: de facto também foi dito que se estava a pensar em mais estacionamento na cidade, o que é facto, é que primeiro está a fazer-se a pista, depois vai-se fazer o estacionamento. Há inconvenientes claros, para quem vai muitas vezes ali àquele local; eu diria que interessaria mais na nossa perspectiva de fazer as coisas de uma forma coerente: eu faria naturalmente, primeiro os estacionamentos e depois os outros inconvenientes.

Também a nível da Associação Académica da Universidade de Aveiro, eu quero dizer que todas as bancadas da oposição têm de facto defendido que sendo a Universidade de Aveiro, uma Cidade Universitária, devia de haver alguma especificação nos apoios à Associação Académica da Universidade de Aveiro.

Nos últimos tempos, tenho verificado que finalmente me parece que o Sr. Presidente da Câmara tem-se tornado mais receptivo a alguns pedidos da Associação Académica: estou-me a lembrar de se facultar um solar académico; estou-me a lembrar das cerimónias do aniversário da Associação Académica - o presente de um barco moliceiro. Trata-se penso eu esta nova postura, de uma vitória da oposição. Espero que continue esta posição, esta postura, não só na perspectiva de obter dividendos políticos, mas efectivamente na perspectiva daquilo que tem proposto a oposição, que é esta: dar especial atenção, à Associação Académica da Universidade de Aveiro, face à importância que tem no contexto desta cidade.

Relativamente a algo que foi dito aqui pelo Sr. Rui Barros, eu quero dizer que também hoje me chegou à mão uma notícia do “Jornal de Notícias”, e que tem de alguma forma alguma relação com isto. É que foi, por causa de um acidente de alguém que caiu em S. Jacinto, de um comboio que circulava em viagens turísticas. E diz-se que de facto, haverá uma concorrência desleal neste caso, atendendo a que a Câmara Municipal de Aveiro, em tempos inviabilizou o licenciamento de um veículo do género aqui, mas efectivamente agora a Junta de Freguesia de S. Jacinto, tem um, que funciona e um pouco à frente o Sr. Presidente da Junta diz que “ainda não temos alvará, mas o processo de licenciamento está a decorrer - portanto, não está autorizado, e efectivamente parece que o facto de serem investimentos privados, existe bastante cuidado - o que é louvável, mas parece não existir o mesmo cuidado, quando se trata de algo que depende ou da Câmara Municipal, ou directamente da Junta de S. Jacinto. Também aqui parece, portanto, uma concorrência desleal, que se insere um pouco no contexto do que ouvimos relativamente aos barcos.

Finalmente, eu queria dizer em relação ao que disse aquela Sr.^a Professora, quero de facto louvar a forma sucinta cuidada com que pôs o problema, tenho aqui uma cópia que valerá a pena de facto ler com bastante atenção, para futuramente tomarmos uma posição sobre esta

matéria. Muito obrigado.”

Vogal Gaspar Albino:

“Obrigado Sr. Presidente. Caros Vogais. Colegas. Pedi a palavra para referir dois acontecimentos da vida cultural de Aveiro, recentemente ocorridos. São eles: os quarenta anos do C.E.T.A.

C.E.T.A., que o meu amigo Jaime Borges, eu próprio, e outros, fundámos há quarenta anos, e que com guinadas a bombordo e a estibordo, soube converter-se numa instituição respeitável na vida cultural de Aveiro e soube viver a sua comemoração dos quarenta anos, de uma forma verdadeiramente brilhante. Felicito o C.E.T.A., no que julgo que sou acompanhado por todos, pela organização do C.I.T.A., que duraram quase duas semanas e que preencheram e de que maneira, com oferta saudável de teatro, as apetências neste campo na cidade de Aveiro.

O Segundo facto, que eu queria mencionar e por o qual sou particularmente sensível, é a passagem dos vinte e um anos da Associação Académica da Universidade de Aveiro. É sem dúvida alguma, o atingir de uma maioria credenciada, é sem dúvida alguma, alguma coisa que nos enriquece porquanto é uma população que não é despicienda no total da população da minha terra, é uma população que trás uma alegria, uma irreverência, enormes que só nos tornam mais jovens, e só bastaria isso para eu lhes agradecer, mas acima de tudo porque efectivamente, eu quando me lembro que na minha terra havia uma simples escola técnica, e um liceu, quando olho para esta terra, digo assim: vale a pena viver nela, por conta dos jovens que formam a Associação Académica da Universidade de Aveiro. A eles, a esses jovens, presto-lhes a minha maior gratidão.

O terceiro ponto que me levou a pedir a palavra, é de natureza totalmente diferente, e tem a ver com o facto de sermos vizinhos de Ílhavo. Sou neto de um Ílhavense; estou casado com uma Ílhavense; percorri durante trinta e dois anos, o percurso entre Aveiro e as Gafanhas - concelho de Ílhavo, para lá trabalhar. Conheço como poucos aquela terra, nossa irmã e Aveiro, cuja malha urbana se não distingue da malha urbana de Ílhavo, julgo que teria todo o interesse, em institucionalizar uma irmandade que a geografia garante - geografia humana e física - e julgo que ao fazer este apelo, a Câmara não deveria fazer ouvidos surdos, porquanto basta só atender às realidades do PDM das duas terras; basta só atender à realidade do Porto de Aveiro; basta só atender à malha viária interrompida inexplicavelmente, ao longo da Rua da Pêga, quase a pedir para chegar a Ílhavo. Basta só isso para conjugar esforços; e dois valem muito mais do que um. Dar as mãos à cidade de Ílhavo, é fazer com que Aveiro fique maior, sem menosprezar ninguém, bem pelo contrário, engrandecendo os outros. Nós todos ficaremos maiores, se esta ideia vier a ter pernas para andar. Tenho dito. Muito obrigado.”

Vogal João Barbosa:

“Sr. Presidente. Srs. Deputados. Antes de mais queria felicitar o meu amigo e colega Presidente de Junta de Freguesia de S.^{ta} Joana, principalmente pelas instalações que possui como sede da Junta de Freguesia. É uma sede que dignifica não só, a Freguesia como a pessoa que a preside. E já agora chamava à atenção do que o Sr. Presidente da Câmara, que ao olhar para estas instalações, não se esquecesse que as próximas sedes de Junta, que se não forem melhores, que pelo menos sejam iguais.

Quero chamar à atenção, que me encontro nesta Assembleia Municipal a representar a Freguesia da Vera Cruz. Nesta situação, com as minhas intervenções procurarei sempre defender os interesses da Freguesia a que presido, pois sou muitas vezes o porta voz das pessoas que me contactam para chamar à atenção do que acham menos bem. Isto vem a propósito de uma frase que ouvi aí, do Sr. Presidente da Câmara, referindo-se ao Sr. Presidente da Associação Académica. E a frase é a seguinte: “tem sabido reivindicar bem, porque são rigorosos nas suas análises”. E eu não quero pensar, que não temos sabido ser reivindicativos e

rigorosos nas nossas intervenções. Espero que de futuro a Câmara nos dê a atenção que merecemos.

Posto isto, vou questionar, informar e recomendar.

Começo por informar o Sr. Presidente da Câmara, que a rua Dr. Francisco Ferreira Neves, na zona do infantário da Vera Cruz, há mais de cinco meses que foram colocados os postes de iluminação nocturnos, a instalação está feita e neste momento ainda não tenho iluminação.

Também queria chamar à atenção que a Lota encontra-se neste momento abandonada. Seria importante fazer-se uma intervenção rápida. De contrário, vamos ter mais um local de prostituição e droga. E já agora Sr. Presidente da Câmara, pedia que recomendasse mais uma vez ao Sr. Governador Civil, pela situação escandalosa de prostituição que existe no Rossio. E muitas vezes, Sr. Presidente, nós sabemos que a Policia de Segurança tem tido intervenções, mas tem que ser mais rigorosa, e quando se dirige às “senhoras”, deve-se dirigir de uma maneira que não seja tão cavaqueira.

Noutra situação, queria chamar à atenção da Câmara, que de futuro deve seleccionar mais os seus apoios a algumas festas que se fazem na Cidade. E quero dizer isto, ao referir-me à Festa da Cereja. Foi uma festa com muita pomposidade; foi uma festa com muita publicidade; mas foi uma festa que colocou mal a Câmara - que não teve culpa, mas que foi enganosa. E enganosa porquê? Porque às onze horas, no dia da festa, já não existia nada no parque que indiciasse que havia ali a Festa da Cereja.

Agora começo por informar o Sr. Presidente da Câmara, que a maioria dos ofícios enviados à Câmara não obtém respostas e não nos dão satisfações a algumas das nossas pretensões que já foram aprovadas no plano de mil novecentos e noventa e nove. Pequenas coisas às vezes que pedimos, são demasiado morosas e outras porque deixaram a obra inacabada. E eu conheço e tenho já informado, de obras que começaram e que no final, a meio da obra abandonaram a obra e foram-se embora.

Já chamei à atenção da carência que a Freguesia sofre, em habitações sociais. O Sr. Presidente da Câmara na altura informou que os terrenos são caros e raros. No entanto, com grande facilidade vejo um protocolo com a Associação Académica, de uma casa na rua Manuel Firmino. Não estou contra a Associação - sejam vem vindos à Freguesia da Vera Cruz, mas acho que neste momento seria muito mais importante fazer-se habitação social na Freguesia.

Quero chamar também à atenção, do trânsito no centro da cidade. Cada vez é mais intenso e cada vez existem menos locais de estacionamento. E como já foi aqui referido, de principio, iriam realmente criar alternativas antes de começar as obras. Eu sei que ao fazer-se a pista de bicicletas, poder-se-ia ter melhor intenção de se criar alternativas nas ruas circundantes, só que até hoje estão muito demorados os parcómetros. E eu perguntava porque estão tão demorados?

Tenho aqui presente, Sr. Presidente da Câmara, a acta desta Assembleia de vinte e nove do quatro de noventa e nove. Eu aqui nesta acta referi-me, à preocupação que já vem de anos atrás, em que o Presidente da Junta da Vera Cruz, coloca muitas vezes a questão e pede à Câmara, sobre a inspecção a fazer a casas que nós achamos extremamente perigosas e que são autênticos barris de pólvora no centro da cidade. Já vem de trás que não levam muito a sério esta minha pretensão. E eu hoje estou à vontade, muito mais à vontade, porque até tenho aqui um relatório da Protecção Civil, de um incêndio que houve no ATL na Freguesia da Vera Cruz, em que foi uma preocupação geral, porque existe ao lado um armazém de tintas e que se se propagasse a esse armazém, era um problema. Eu quero dizer Sr. Presidente da Câmara, que (não queria dizer isto mas vou dizer), tanto eu, como o meu amigo Sr. Custódio Ramos, vivemos por cima de uma bomba atómica - era bom que se soubesse isso. Portanto, Sr. Presidente da Câmara, eu achava que não seria mau se a Câmara fizesse alguma coisa, ou a Protecção Civil, para fazer um relatório sobre estas situações. Se for preciso a Junta de Freguesia enuncia e enumera as casas que existem na Vera Cruz.

Na mesma acta, eu informei a Câmara da morosidade da mudança da Avenida da Força Aérea.

O Sr. Presidente da Câmara informou que não tinha tido “feedback” da Comissão de Toponímia. Sr. Presidente da Câmara, quando eu falei na mudança da Avenida da Força aérea, o Sr. Presidente da Câmara disse, não ter tido conhecimento do relatório ou do parecer da Comissão de Toponímica. Eu vou entregar ao Sr. Presidente da Câmara, quatro relatórios da Comissão de Toponímia. O primeiro já vem de mil novecentos e noventa e cinco e que foi sempre contra o nome da rua da Força Aérea e quero dizer ao Sr. Presidente da Câmara, que o último parecer da Comissão de Toponímia, diz assim: “a Comissão congratula-se com o ofício do Sr. Presidente da Junta de Freguesia da Vera Cruz, apenas se sugere que à denominação “Avenida Central das Barrocas”, se prefira o nome de “Avenida de Sá-barrocas”, como aliás já é conhecida. A referida solicitação reforça o parecer desta Comissão, que sempre pugnou por denominação condizente com a zona”.

Depois deste parecer, a Câmara em sua reunião, em treze do sete de noventa e oito, responde assim: “relativamente à alteração da designação da Avenida da Força Aérea, para Avenida Sá-Barrocas, a Câmara entendeu que deve voltar à Comissão para uma melhor análise”. Eu penso que neste momento a Câmara estava distraída para fazer isto. Portanto, Sr. Presidente da Câmara, eu gostava que o Sr. Presidente da Câmara fizesse o favor de dar satisfação ao pedido e deliberação, mas pelo menos à sugestão da Assembleia de Freguesia da Vera Cruz. Obrigado Sr. Presidente.”

Vogal Clara Ribeiro:

“Srs. Deputados, fico contente, o Concelho encontrou-se vários meses em festa, só que a festa acabou: o Domingo chegou ao fim, estamos na segunda feira.

Para começar, lamento realmente, a nossa juventude passa o fim de semana na Praça do Peixe, em completo convívio com a prostituição - ninguém faz nada!! Depois queixam-se que os jovens são delinquentes, são tudo. Ninguém faz nada!! É ver como todos os pais vão e vêm, que têm que andar constantemente a vigiar os filhos, para proteje-los de certos perigos. A cidade não fica bem e cabe à Câmara tomar posição.

Fico contente, dado que a “Rosa” no concelho de Aveiro não “murchou” - “arrebitou”. Vamos aproveitar o viço da “Rosa”, para ver se consegue resolver alguns problemas. Primeiro, foi com espanto que vi sair no dia vinte e nove, da STUA/SMA, os novos horários de Verão, esquecendo completamente que os nossos jovens, que vivem nas áreas rurais, ficaram sem autocarros para ir aos exames e às respectivas explicações, porque as explicações são na cidade, não são na área rural. Dou um exemplo: Quinta do Picado - Ciclo Sá-Barrocas, onde o autocarro existe às sete, oito e dez da manhã. Para meu espanto, as crianças ou falando nos adolescentes, ou regressam a casa no autocarro das cinco horas, ou só podem regressar às onze da noite. É inconcebível que as pessoas não tenham o mínimo de sensibilidade para estas coisas. Quem vive na área rural tem o direito que têm os da cidade, que não precisam de autocarros; porque se as crianças ou os adolescentes quiserem andar de bicicleta, não têm oportunidade, porque as estradas são perigosas, as crianças são assediadas pelo caminho e ninguém vê isto. A “Rosa “ não está viçosa; está “murcha” e morta!

Segundo; um grupo de pessoas ligadas à urbanização Chave, não sei se o Sr. Presidente da Câmara tem conhecimento ou não, são sessenta fogos, são sessenta famílias, muitas delas não têm possibilidades de manter a antiga casa e comprar a nova; empenharam-se, venderam já a antiga, têm as construções prontas a habitar; não podem vender as antigas porque em Setembro estão no olho da rua - com filhos; há um impasse entre a Câmara e um senhor do imobiliário, esse que poderá ser resolvido com bom senso. Por baixo há um infantário, que a meu ver ou é resolvido até Setembro, ou são centenas de crianças que também perdem a oportunidade de terem um infantário junto de casa. E atenção porque as pessoas começam a manifestar-se e a parte social está a ser esquecida. São sessenta famílias, são Aveirenses, têm o direito a ter o problema resolvido.

Vou falar num outro caso, vou ser rápida, novamente vou falar no Hospital de Aveiro. Apelava a esta Câmara, dado que tem os Armazém Gerais para vender; sei que o Conselho de Administração do Hospital, não quer nenhuma doação, não quer os terrenos dados, como foram dados simbolicamente à Universidade; paga-os!! Só que necessita daquele espaço. Que não me venham com a história de um novo hospital, porque o nosso tem vinte e quatro anos, tem condições de funcionar, está no sitio ideal e se a Câmara quiser realmente negociar, com o Conselho de Administração do Hospital, ele está aberto para negociar, pagando o devido preço pelos terrenos. E mais: o PSD tem um plano para o hospital de Aveiro e penso que o Conselho de Administração do Hospital de Aveiro, também o tem. Não venham com um novo hospital, porque é adiar um problema. Eu convidava a Câmara e esta Assembleia, para visitar o Serviço de Cardiologia, onde os nossos familiares poderão ir parar, e em que condições miseráveis, são tratadas pessoas que saem com boas condições e não têm o direito de ser tratadas com se estivessem em enfermarias de campanha ou se estivessem no Kosovo. Somos aveirenses, temos que ter brio por aquilo que temos. Acho que o Sr. Presidente deve estar sensível ao Hospital de Aveiro. Lamento daqui as uns meses o problema não ser resolvido e é tarde. Os Armazéns Gerais são a resolução para o Hospital de Aveiro. Não se iludam com aquilo que falam em “novos hospitais”. Tenho dito. Obrigado”.

Presidente da Mesa:

“O problema da prostituição, é um problema nacional, complicado. Deixou de haver crime de prostituição, há um certo liberalismo profissional nesse ramo; só que isso acarreta problemas complicados, para certas zonas da cidade: também na Avenida esse problema se põe. Se calhar é um problema que tem que ser visto a nível central.

O problema da “Chave”; o problema não é tão dramático com acaba de dizer. Eu conheço o problema, tudo resulta de com boas intenções e de boa fé e com interesse público, a cooperativa ter ocupado, ter construído numa faixa de terreno, de que não era proprietária. Isso teve que ser feito pela premência, nomeadamente, da construção do infantário - que é uma bela obra e que vai funcionar ali muito bem - só que isso implicou problemas de indemnização, de pagamento do terreno em excesso, que em minha opinião já deviam estar resolvidos. Nisso tem toda a razão e a “Chave”, também tem toda a razão.

Vogal João Maia:

“Muito obrigado. Sr. Presidente da Assembleia Municipal. Sr. Presidente da Câmara Municipal. Srs. Vereadores. Srs. Deputados. Sr. Presidente da Junta de Freguesia. Começo por vossa excelência; congratulou-se nas suas palavras, falou com um orgulho na voz que de facto este edifício é extremamente digno para a função para que foi construído. E se é digno na sua voz, seria também na de todos os outros Presidentes de Junta, se um edifício como este disponibilizassem. De qualquer maneira, um local óptimo para as reuniões da Assembleia Municipal e porque não também os outros, outros que ao longo das Câmaras anteriores foram construídos, já não tão nobres como este, mas ainda dignos para que esta Assembleia possa reunir e fortificar as suas ligações. Dignos de serem visitados por nós, pela Câmara, até para verem as necessidades de recuperação que alguns deles lá vão apresentando.

Passo de seguida ao tema que ao fim e ao cabo todos os Srs. Deputados abordaram: os parabéns ao Beira Mar. Com júbilo e orgulho, que toda uma Região, gentes da Beira Mar de lágrimas nos olhos, naquela vitória que não é de ninguém e é de todos nós. Agora Aveiro não tem só ovos moles, não tem só moliceiros, não tem só canais - tem também a Taça de Portugal.

Mas nem tudo foi “ouro”; eu acho lamentável que a RTPI se tivesse esquecido deste acontecimento. Então Aveiro e o Campo Maior: os Aveirenses e os Campomaiorenses, não mereciam que a RTP transmitisse este acontecimento para todo o mundo? Não há Aveirenes em

todo o mundo? Não há alentejanos em todos o mundo? Como é que é: a RTP não precisa das gentes de Aveiro? Não precisa das gentes de Campo Maior? Os lucros que a RTP tem, chegam-lhe? Não precisam de mais? Os nossos impostos não chegam à RTP?

Tantas realizações desportivas nesta Cidade são apoiadas; tantas!! E a RTP vem sempre aqui buscar dinheiro para levar as realizações para a TV. Tanto dinheiro tem saído desta terra, para apoios e é a primeira vez que a RTP nega uma transmissão de Aveiro e Campo Maior, para outras paragens. É lamentável! É condenável!

Outro assunto, que embora tenha a ver com a Taça, é um assunto diferente. Eu fui ver a Taça e uma vez lá, durante o almoço, juntei-me lá com um grupo de pessoas e no meio das nossas conversas vem à baila que todas as instalações à volta da Casa Abrigo tinham sido pagas pela Câmara, pois o empreiteiro que as teria feito, estava ali a almoçar connosco. Eu fiquei admirado! E fiquei admirado porquê? Porque dias antes, tinha sido convidado pelos Serviços Municipalizados para estar em S. Jacinto, na mesma Casa Abrigo e tinha estado em contacto com o Sr. Libério, que teria dito que aquelas instalações tinham sido feitas por ele. Ora, eu fiquei realmente sem saber a quem dar portanto, crédito. A verdade é que são duas pessoas que merecem o crédito. A verdade é que os méritos de qualquer uma das pessoas é incomensurável, mas a verdade eu pergunto: quem é que manda na Casa Abrigo? É a Câmara, que pagou tudo o que está lá? Ou é o Sr. Libério que pagou?

Mudando de assunto, é uma preocupação que eu tenho e nunca abordei este tema, mas agora o Sr. Rui Barros, fez-me lembrar outra vez o problema de insegurança. Insegurança não só em Aveiro, mas também na Ria de Aveiro. Eu já uma vez aqui nesta Assembleia falei na entrada do Canal do Gramato, e chamo à atenção desta Câmara, que deve apelar a que a APA, identifique a entrada do Canal do Gramato: de uma maneira viva. Já não se entra no Canal do Gramato se as pessoas não conhecerem a entrada daquele Esteiro. Eu tenho visto, as lanchas dessa Associação a trilharem águas pouco profundas, eu sei que as viaturas são conduzidas por pessoas com crédito, mas outras pessoas que um bocado à vontade entrem em certos pontos e principalmente na entrada do Esteiro do Gramato, podem ter uma surpresa desagradável. Por outro lado, também tenho reparado que a lancha de S.^{ta} Joana está no estaleiro e já vamos entrar no mês de Julho e não sei exactamente qual é o problema da lancha S.^{ta} Joana, gostaria, se assim a Câmara o entendesse, de ser esclarecido.

Ainda sobre problemas de segurança, o Sr. Presidente sabe que ainda este fim de semana, na zona do Bairro do Liceu, foram assaltadas trinta garagens? O Sr. Presidente sabe (ainda não tirei isto a limpo), que ontem ou anteontem houve tiros na zona da Força Vouga? Acho que foram os elementos da SUMA que levaram tiros. E a policia esteve lá; e a policia diz que foram os miúdos. Eu pergunto se um tiro de um miúdo ou um tiro de um graúdo, se faz alguma diferença?

Por último, queria apenas manifestar a minha preocupação com o encerramento do matadouro. Eu gostava de saber, se a Câmara já tomou alguma posição face a esta preocupação, que não é só dos utentes? Muito obrigado Sr. Presidente."

Seguidamente o Sr. Presidente da Mesa interrompeu os trabalhos, ao qual se seguiu um intervalo para jantar.

2ª PARTE

Pelas 22:00 horas, foram retomados os trabalhos, presididos por Carlos Manuel Natividade da Costa Candal, secretariado pelo Primeiro Secretário, João Pedro Simões Dias e pelo Segundo Secretário, Custódio das Neves Lopes Ramos, e com a presença dos seguintes Vogais: Virgínia

Celeste das Neves Rodrigues da Silva Veiga, José Augusto Fernandes Júnior, João Pires da Rosa, Ana Carla Guerra de Miranda Macedo, Fernando Cardoso Leitão Miranda, António Ildebrando Nunes Costeira, João Alberto Simões Barbosa, Britaldo Normando de Oliveira Rodrigues, Virgílio António Couceiro da Cruz Nogueira, Nuno Teixeira Lopes Tavares, Ermelinda Clara Fernandes Oliveira Ribeiro Costa, Rogério Mário Madaíl da Silva, António Manuel Gonçalves Pinho Vinagre, Lucas Amaro Rodrigues, Armando Manuel Dinis Vieira, Victor Manuel da Silva Martins, Joaquim António Gaspar Melo Albino, António Sousa Dinis Correia, Luís Miguel Capão Filipe, João José Ferreira da Maia, Manuel Arede de Jesus e Manuel Branco Pontes.

Procedeu-se à chamada e verificaram-se as faltas dos Vogais: Raúl Ventura Martins, Pedro Machado Pires da Rosa, Henrique Manuel Morais Diz, Fernando Vieira Ferreira, Jorge Manuel do Nascimento, Diogo Manuel Santos Soares Machado, Manuel Simões Madaíl, Dinis Marques, Joaquim dos Santos Abreu, Élio Manuel Delgado da Maia e António Manuel Santos Salavessa.

Retomados os trabalhos deu-se continuação ao “período de antes da ordem do dia”.

Vogal Fernando Leitão:

“Muito obrigado Sr. Presidente da Assembleia. Sr. Presidente da Câmara. Srs. Vereadores. Srs. Deputados. A minha intervenção vai reportar-se a três aspectos: primeiro, Presidência Aberta em Esgueira; segundo, limites da Freguesia; terceiro, rotunda da circular de Esgueira.

Relativamente ao primeiro ponto, na análise a esta Presidência Aberta feita na última Assembleia de Freguesia, houve consenso geral sobre a sua importância e oportunidade valiosa, oferecida às gentes de Esgueira, para um contacto mais directo entre a autarquia e os munícipes, dando a estes espaço e tempo de expressão, na maioria dos casos aplicando as necessidades mais prementes e aquela sabendo ouvir atentamente, aceitar sugestões, corrigir percursos sinuosos.

O nosso Presidente da Câmara, que aqui vêem os esgueirenses, independentemente da sua opção política, acompanharam-no com entusiasmo, porque conheceram a sua pujança física quando jogou basket no Clube Povo de Esgueira, ou quando rematou à baliza no Campo Desportivo de Taboeira. Quando perante esta vivência e experiência com jovens e atletas, me segredavam baixinho ao ouvido “temos homem”, eu completava “temos Presidente”.

Mas Sr. Dr. Alberto Souto, uma Presidência Aberta é um fardo mais pesado, a partir do seu termo. É agora que vão começar as dores de cabeça; os projectos esboçados; as promessas feitas, vão inquietá-lo. Nós vamos acreditar e lembrar que a nossa espera já foi heróica. Dois dias são insuficientes para a dimensão da Freguesia. De futuro isso deverá ser revisto.

Agora um pedido: disponibilize-se para visitar as instalações que não se honraram com a sua presença; a Escola EB 2.3 Aires Barbosa, a Secundária Jaime Magalhães Lima e o Centro de Acolhimento e Emergência Infantil - único no concelho, com esta valência, e a merecer a intervenção da Câmara relativamente ao edifício; e Parque Infantil, pertença da edilidade. Um edifício que pelas barreiras nele existentes, não está adequado à funcionalidade da instituição.

Quanto aos limites da Freguesia, tema abordado numa sessão pública, extraordinária desta Presidência Aberta, recordarei que no concelho é a que mais se repartiu na criação de outras Freguesias: casos de Eixo, e de S.^{ta} Joana. Perante um facto consumado e vivido já tantos anos, vamos respeitar esta divisão administrativa, mas não nos podemos calar, é quando os Serviços da Câmara, são os primeiros a ignorar, as áreas de uma Freguesia. A título de exemplo direi que foi concedido o alvará número duzentos e doze, através do qual se licenciou uma construção designada “Urbanização S.^{ta} Joana”, cita em área da Freguesia de Esgueira e que na licença aparece erradamente enquadrada na Freguesia de S.^{ta} Joana. Tenho em meu poder fotocópia desse alvará, tenho em meu poder também cópia também da lei sessenta e três barra oitenta e quatro, de

trinta e um de Dezembro, que cria os limites desta Freguesia de S.^{ta} Joana. Agradecia que isso fosse repensado.

Por último, lembrarei ao Sr. Presidente que já se apontou o mau traçado da rotunda da circular de Esgueira, mas não teve lugar ainda a qualquer correcção. São frequentes os acidentes aí verificados ultimamente. Seria urgente a intervenção da Câmara. Obrigado.”

Vogal Miguel Capão Filipe:

“Muito obrigado Sr. Presidente. Vou dividir a minha intervenção, em algumas temáticas, tentando ser o mais breve possível. Obviamente e em primeiro lugar, para falar do Sport Clube Beira Mar. E em relação a isso, penso ser esta instituição o local próprio para em meu nome pessoal e em nome da Direcção do SC Beira Mar, firmar os nossos profundos agradecimentos a todos os aveirenses que de facto regressaram, e ou ampliaram a afectividade, que definitivamente ocupou o coração de Aveiro, o coração da Região Metropolitana de Aveiro, o coração dos aveirenses. E faz-nos seguramente acreditar, que o projecto para o próximo milénio de assumir em definitivo “Aveiro sempre em primeiro”, vai com certeza ser concretizado.

Um segundo aspecto, em relação ao Sport Clube Beira Mar, cumpre-me enaltecer e sem dúvida enaltecer, o papel do Executivo Camarário na empatia e na sintonia da afirmação estratégica da nossa Região, através de um dos seus símbolos de alta competição que é o Sport Clube Beira Mar. E esse enaltecer do papel e esses agradecimentos, obviamente, e permitam-me na pessoa do Sr. Presidente da Câmara - o Dr. Alberto Souto - e do seu assessor de desporto, o Gonçalo Fonseca, que foi de uma generosidade e de um empenho, num projecto supra partidário e acima de qualquer tipo de politiquice e que tem a ver de facto, com o sentir-se e o viver-se Aveiro e os seus respectivos ídolos. E em relação concretamente ao Departamento no qual eu tenho a honra de dirigir, que é o Departamento de Relações Públicas e Marketing do Sport Clube Beira Mar. Permitam-me referir, que essencialmente já houve o adivinhar de dois tipos de linhas estratégicas: um é continuarmos, com o sentido enunciado da conquista da Taça de Portugal, num sentido de afirmar que a casa de todos nós, a casa do aveirense - só há uma casa e essa casa, é a casa amarela. É uma das grandes linhas estratégicas: por consequência - casa só há uma, é a amarela e mais nenhuma!

Por outro lado, para além de conseguir da afirmação estratégica da metrópole aveirense, porque não, sobretudo porque há lugar também para uma grande equipa competitiva, pelo menos a médio prazo, em termos de afirmação nacional e europeia, porque não, ser o Sport Clube Beira Mar, o símbolo das Beiras: os Beiras para as Beiras, isto é, o avançar da consolidação de um projecto de afirmação de Aveiro e de afirmação da metrópole aveirense, para as Beiras. Porque à semelhança do Sul do país, que tem duas grandes equipas de afirmação estratégica conhecidas de todos - uma encarnada e outra verde; da afirmação da Região Norte do país de coloração azul; porque não as Beiras, terem o Beira com o amarelo como afirmação estratégica. Estamos convencidos, que pelo menos a médio prazo, poderemos chegar a este desiderato, e com certeza com o apoio de todos os aveirenses sem excepção. E esse agradecimento mais uma vez realço. O nosso bem haja, por Aveiro ter regressado e ampliado, em termos de ter no seu coração o SC Beira Mar.

Um segundo assunto que nos leva a intervir, permitam-me afirmar a minha simpatia e satisfação pelas notícias vindas a público, de um representante legal do governo português, mais concretamente pelo Governo civil, no alargamento da auto-estrada A1. Na altura dissemos que razões técnicas, de segurança e económicas, levavam ao alargamento dessa A1, sobretudo para fazer progredir Aveiro no sentido do desenvolvimento completo, não só no eixo porta atlântica, da Península Ibérica/Madrid, mas também no Eixo Atlântico, como um derivar do Norte da

Galiza e do Norte de Portugal. E mais por mais, obrigados legalmente ao aumento desse número de vias. E só para resumir, essa intervenção entretanto publicitada, verificámos que Carvalhos/Espinho terá oito faixas, ou seja, apesar de só se justificar o alargamento para uma vez, foi referido que passava para duas vezes, porque o alargamento se justificaria já prever o futuro. O Carvalhos/Feira, vai começar em Julho o alargamento para três vias. Feira/Albergaria, porque finalmente ultrapassadas as cotas vai iniciar o projecto. Apesar de haver aqui algum tipo de antipatias, entre umas afirmações e outras. Numas há uma previsão a mais, noutras é só quando legalmente se está habilitado. Por outro lado, começar em Julho, estaremos aqui, com certeza todos ansiosos, vamos ter trinta dias, para ver que não é mais um page da Internet socialista - como obra virtual, mas será de facto uma obra que se vai concretizar em termos de máquinas e que é importante ter.

A terceira intervenção refere-se ao Hospital. Quando se fala em renovar o actual Hospital ou fazer um novo Hospital, as duas propostas têm um grande mérito. É que chegámos a uma fase que todos nós, e também supra-partidariamente, temos que exercer pressão e tem que se olhar para o hospital Infante D. Pedro, de modo a que ele precisa de cuidados urgentes ou emergentes, precisa de um verdadeiro serviço de urgência em si próprio, inadiáveis por uma questão de resolução dos graves problemas de saúde em Aveiro.

Deixei aqui uma reflexão, já vi que poderá haver uma outra corrente a favor de não um novo Hospital, mas de facto da renovação, mas em relação a isto, e já que me é dado a oportunidade, permitam-me continuar essa reflexão com mais algumas achegas: em primeiro lugar, quando se fala que o Hospital de Aveiro tem vinte e sete anos, eu gostaria de referir que vinte sete anos, na medicina eu quase que comparo, à vida de um cão. Um cão pode ser avô aos cinco anos, isto é, vinte e cinco anos da medicina, significa um grande progresso, em termos de necessidade e implementação dos avanços técnico-científicos e por consequência quando falamos em vinte e cinco anos de progressão da medicina, felizmente para nós seres humanos, felizmente para a nossa ciência. E eu estou à vontade para falar nisto, porque para além de Clínico sou investigador, provavelmente significará grosso modo duzentos anos na história da medicina - os vinte e cinco anos que entretanto ocorreram. E por consequência o que me urge, é ver se este edifício tem condições para implementar esses mesmos avanços técnico-científicos e se tem condições para esses avanços técnico-científicos serem exercidos. Refiro-me concretamente à proposta feita à Assembleia Municipal de se fazer uma excursão ao Hospital de Aveiro, acho extremamente pertinente. E aliás, deve ser agendada em termos de Assembleia Municipal. Mas mais do que realizar-se uma excursão ao Hospital de Aveiro, proponho que se tire o dia para se conhecer não só o Hospital de Aveiro, mas por exemplo, esse mesmo autocarro, dirigir os senhores Deputados ao Hospital de Aveiro, ao Hospital de Viseu e por exemplo ao Hospital de S.^{ta} Maria da Feira. Isto para quê? Para comparando esses mesmos hospitais, construídos recentemente, e se de facto as instalações actuais, dá para meter o "Rossio na betesga", isto é, dá de facto para pegar no edifício actual e fazer aquilo, que hoje em dia se perspectiva no novo Hospital. No novo hospital, estamos a referir-nos, após duzentos anos na história da evolução da medicina, não é vinte e cinco anos, e posso dar por exemplo, o seguinte conceito: determinadas enfermarias e hospitais portugueses, têm o conceito de cama é completamente diferente do actual. Cada cama está com uma monitorização dos sinais vitais, está com determinado tipo de canalização de oxigénio, de ar comprimido, por exemplo, em que o próprio médico poderá no futuro em casa, via Internet, acompanhar os sinais vitais do doente que está internado. Isto é uma imagem que permite referir se se pode caminhar nesta perspectiva da medicina nas actuais instalações. E por isso a excursão tem que ser rotativa. Quando referimos que tem que haver, e concordamos com uma boa gestão financeira dos dinheiros públicos concordamos perfeitamente com a boa gestão financeira dos dinheiros públicos; mas atenção, é que Aveiro e designadamente

a Região Centro, neste último bolo global que se anuncia de três mil, oitocentos e catorze milhões de contos - o denominado II Quadro de Apoio Comunitário, penso que a Região Centro, está a tentar reivindicar mil milhões de contos, de intervenção na Região Centro. Pensamos que se não conseguirmos vinte ou trinta milhões de contos, para a grande prioridade desta Região Metropolitana, que de facto é a saúde, que de facto é ter um Hospital Central, geral e polivalente, com todas as especialidades médico-cirúrgicas, porventura conforme referi em intervenção anterior sem a torácica mas também com a unidade de queimados. Um Hospital que dê acesso a actividades de investigação, como a outros hospitais nacionais, que permita por exemplo em relação a essa boa gestão financeira, aquilo que se refere como a boa gestão por blocos, o bloco materno-infantil, o bloco do hospital deambulatório, o bloco médico-cirúrgico, o bloco dos exames complementares, em que de facto se poderá rever conforme alguma crítica ocorreu: número de camas, que passe de setecentas para quinhentas, mas que tenha este bloco de gestão autónoma, obviamente que estamos na altura certa para o fazer. E quando também afirmei, que a reivindicação passava pelo Poder Local, é uma questão que também falei na questão da subserviência hierárquica. O que é que pretendemos dizer com isto? Há essencialmente três maneiras de estarmos na causa pública. Uma é o Serviço Público, legitimamente herdado por votação. Outra é a Carreira Pública, em que de facto se o currículo vitae, com determinado tipo de valência pessoal, que permite ganhar um concurso público. Um terceiro, é o denominado de nomeação política, é o Comissário Político. Esse Comissário Político, está numa cadeia hierárquica e na saúde isso de facto acontece, com a Região de Saúde do Centro e o Ministério da Saúde. E já verificámos que provavelmente para firmar outros sítios como capitais da saúde, que poderá haver menos interesse, no desenvolvimento em termos de hierarquia de saúde, a estratégia poderá ser, o nosso Hospital, poderá ser um Hospital Concelhio - não digo Distrital - um Hospital Concelhio melhorado. Por consequência, se nós Poder Local, não intervirmos em todo este processo, verificamos que Aveiro não vai ter um desenvolvimento completo em termos da área de saúde e em termos de servir o cidadão que primeiro rende "per capita" para o país. E a prova disso, que poderá haver uma subserviência hierárquica, poderá, não digo que há, é que por exemplo, trago-vos do Diário da República, Ministério da Saúde, Gabinete da Ministra, o despacho número dez, cento e quarenta e nove, barra noventa e nove, II Série, que refere: "que ao abrigo do exposto ... e sobre proposta do Conselho de Administração, da Administração Regional de Saúde do Centro, a unidade de saúde de Coimbra Norte, passa a abranger o Centro de Saúde de Anadia, o Centro de Saúde da Mealhada e o Hospital de Anadia, que assim deixa de integrar a Unidade de Saúde de Aveiro Sul". Ou seja, nós tínhamos potencialmente trezentos mil habitantes, para servir o futuro hospital central e já começamos a reduzir o número de habitantes. Portanto, há uma estratégia central que em relação a esta área, não se coaduna com o interesse de Aveiro e por consequência, o novo hospital ou o hospital renovado, há de facto que fazer qualquer coisa; porque estamos a falar com a saúde de Aveiro e com a saúde dos aveirenses. A propósito ainda de saúde, gostaria de dar dois exemplos: o primeiro é o denominado Sistema Nacional de Emergência. Como sabemos existe um Sistema Nacional de Emergência, que tenta dar uma resposta eficaz diferente a nível do território nacional. Mas aquilo que se está a passar, é que há uma diferença de meios enviados para os locais do acidente ou de doenças agudas e a qualificação de pessoal de emergência. E há uma grande assimetria porquê? Porque neste momento o denominado cento e doze, o ex-cento e quinze, tem áreas medicalizadas nas zonas da rede Lisboa, Porto e Coimbra, e o restante do país são áreas não medicalizadas. O que é que isto implica? Isto implica que os meios de socorro nestes três sítios, sobretudo em intervenções de acidentes ou de doenças graves, as ambulâncias são medicalizadas, nas restantes zonas do país temos os bombeiros voluntários, e com toda a coragem; aliás eu tenho o orgulho de ter sido bombeiro velho e de ter sido tripulante na altura do SNA, do antigo cento e quinze, que têm um

formação muito boa - tipo Cruz Vermelha, mas há determinadas situações de urgência e de emergência, que implica também a ida de uma viatura medicalizada - ou ao local do acidente ou ao encontro dessa respectiva ambulância, e aquilo que verificamos é que de facto um acidente com perigo de vida, não beneficia o denominado cento e doze - é cento e doze para três regiões e eu diria que é cento e treze para determinadas regiões como Aveiro. E por consequência julgamos que também o Poder Local, aqui poderá intervir, em termos de avançar do verdadeiro cento e doze, quer para a denominada viatura medicalizada, quer inclusivamente para se formar - e isto é uma reivindicação nacional - o denominado paramédico de emergência; o equivalente ao enfermeiro de emergência.

Por outro lado e ainda em termos de saúde e continuando a caracterizar aquilo a que a longo prazo o Poder Local poderá chegar: nós ainda antes da época balnear abrir, tivemos infelizmente grandes tragédias de naufrágios e os meios marítimos de salvamento numa região à beira mar, uma região com Ria e com Mar, fez com que felizmente tenhamos veículos todo-o-terreno, tenhamos novos equipamentos de vigilância nas praias, mas com o afogamento nas Rias ou nas Praias de Aveiro, vão os bombeiros locais, a seguir vão lanchas do Instituto de Socorro a Naufragos e ou Policia Marítima e depois imaginem, vêm os Mergulhadores de Coimbra. Eu na anterior Assembleia Municipal, referi que determinada situação ocorria na Costa Mediterrânica de Aveiro, em que o Sr. Presidente disse que eu me referia a Coimbra - obviamente que sim, mas no sentido figurado. Que eu saiba ainda não têm lá o Mar Mediterrâneo, para terem primeiro mergulhadores do que nós.

E por consequência, vê-se por exemplo o apoio do exército no escavamento do Lago da Fábrica Campos, porque não um protocolo com a Marinha, para na abertura das praias terem aí mergulhadores, com certeza a Marinha tem um batalhão de mergulhadores, ou outro tipo de solução: os bombeiros novos ou velhos, serem adaptados com os mergulhadores; ou o Porto de Aveiro, seja o que for. Agora não se compreende é que sejamos uma cidade aquática e não haja de permanência, mergulhadores de salvamento a naufragos, de serviço: e o haja em cidades do interior, que venham prestar o serviço a esta cidade aquática.

Tudo isto tem a ver com quê? Todo este tipo de intervenção e é por isso que nós não entramos na pequenez de determinado tipo de polémicas, tem a ver que a nossa postura perante Aveiro, é posicionar Aveiro com um maior potencial de desenvolvimento da actualidade em termos portugueses - modéstia à parte de todos nós. Porque temos indicadores, dados; temos integridade humana, para assumirmos esse mesmo posicionamento de Aveiro. Uma imagem de marca e raça, daquilo que queremos fazer a Aveiro. E essa imagem de raça e de marca daquilo que queremos fazer a Aveiro, está na altura de maneira definitiva de assumirmos questões, factos e obras de contexto nacional.

Aquelas que eu referi, o novo Hospital é um Hospital muito renovado, não o que eu duvido.

Por outro lado as grandes vias IC 1, IP 5, Metro de Superfície, Eixo Estruturante, a ligação ferroviária do Porto de Aveiro. Tudo isto no sentido de que chega de pensamentos pequenos e de pequenez na nossa discussão. Estamos a entrar num contexto e num ciclo, na afirmação de Aveiro, num ciclo de contexto nacional; até por julgamos que as outras fórmulas que têm sido uso nacional: a forma Lisboa - Expo'98; e a futura e em realização - Porto Cultura dois mil e um, esgota as soluções nacionais, só nestas duas zonas e tem que emergir uma terceira zona. E estamos aqui para que essa terceira zona, zona que emerge de um contexto de obras nacionais, tem que ser Aveiro.

E é por isso que quando vemos os nossos autarcas metropolitanos de Ílhavo e de Vagos, fartos de aturar determinado tipos de perspectivas, para obras de contexto nacional. Nós estamos aqui para dizer que as atitudes que tomarem, também serão as nossas - a estratégia é essa a de todos nós. Muito obrigado."

Entretanto entraram na sala os vogais Carlos Filipe de Andrade Neto Brandão e Manuel Júlio Braga Alves.

Vogal António Vinagre:

“Muito obrigado Sr. Presidente. Caros Colegas. Digníssimo Público. É com satisfação que vejo esta Assembleia reunir pela primeira vez, fora do seu espaço habitual. Essa satisfação aumenta pelo facto de esta Assembleia se reunir na Junta de Freguesia de S.^{ta} Joana, se me permitem - a minha Junta de Freguesia.

Terra de gente simples, trabalhadora, empenhada, orgulhosa de se sentir aveirense de corpo inteiro. Freguesia que desde a sua criação em mil novecentos e oitenta e quatro, tem evoluído sem parar, criando e melhorando estruturas e acessos, desenvolveu o comércio e a indústria, contribuindo assim, para que hoje S.^{ta} Joana seja uma das Freguesias mais prósperas do nosso concelho.

À frente dos destinos de uma Junta com esta dinâmica, só poderia estar alguém conhecedor da realidade que aqui se vive. O Victor Martins, se me permitem, é daqueles que se dá ao Povo - salvo seja; e tem o mérito de ter transformado a face desta Freguesia. O Povo não esquece e tem sabido reconhecer o seu trabalho. Nas últimas eleições autárquicas, maioria absoluta para o PSD - aquele que os socialistas perseguem há uns anos; e vão continuar a perseguir com certeza!

Orgulha-se também esta Freguesia de possuir, um dos melhores edifícios sede, do concelho. Em tempos apelidado por alguém do Partido Socialista de “Pagode Chinês”: senhores do Partido Socialista - Bem vindos ao Pagode Chinês de S.^{ta} Joana!

Tomaria eu que algumas das Freguesias do nosso concelho, tivessem as mesmas condições que esta tem. Mesmo assim, já são insuficientes. Não é este edifício que é excessivo, como já o quiseram fazer querer, os outros é que precisam de ser melhorados ou construídos de raiz - as nossas Juntas bem o merecem.

É evidente que há problemas nesta Junta; há projectos por realizar, como por exemplo a criação de uma zona desportiva; falta um Posto Médico com boas condições; é preciso que se invista mais na habitação social; há estradas ainda a precisarem de melhoramentos; o saneamento é outro problema desta Freguesia, ainda um tanto ou quanto atrasado; as escolas precisam também de ver melhoradas as suas instalações. Quanto a este problema das escolas, gostava que o Sr. Presidente da Câmara, nos esclarecesse acerca do encerramento ou não da Escola do Ensino Básico número onze de Aveiro, situada no lugar da Presa.

Estes são alguns dos problemas que esta Freguesia gostaria de ver resolvidos. Não necessita para isso, o Sr. Presidente da Câmara, mais do que cumprir parte do Plano de Actividades para o ano em curso.

Outros assuntos gostava também de ver aqui esclarecidos, na medida do possível, é claro: Aveiro Basket; cinquenta e cinco mil contos de passivo - tinha ou não, o Sr. Presidente, conhecimento do montante do passivo da Sociedade Aveiro Basket, à data da entrada da Câmara para a dita Sociedade? Quem é que vai pagar esses cinquenta e cinco mil contos? Como é que pensa resolver essa situação?

Este ponto segue a sequência da intervenção do Sr. Presidente da Junta da Vera Cruz - João Barbosa: já várias vezes referiu nesta Assembleia, os perigos que representa o armazenamento nesta cidade de produtos perigosos, tantas vezes sem condições mínimas de segurança. À sensivelmente duas semanas aconteceu um pequeno incêndio no ATL da Freguesia da Vera Cruz, que só não atingiu maiores proporções devido à pronta intervenção dos bombeiros. No coração da Cidade, junto a uma zona residencial e comercial e paredes meias com um armazém de tintas e outros produtos do mesmo género.

Fica mais uma vez o aviso, para que de futuro se possa evitar males maiores. Até à data nada foi feito para acautelar estas situações, e eu lembro o Sr. Presidente da Câmara no último Conselho de Segurança Municipal que se realizou, eu voltei a frisar este aspecto e o Sr. Presidente disse que ia fazer um levantamento destas situações na Cidade de Aveiro.

Por último gostaria de me referir com enorme satisfação, ao nosso Beira Mar que conquistou a Taça de Portugal: encheu-nos de vaidade e de orgulho; levou o nome de Aveiro bem longe e gravou para sempre este momento na nossa memória - nunca o esqueceremos! Aos Campeões: muito obrigado! Bem hajam.

Fica também uma achega ao Dr. Capão Filipe: que os Bombeiros Novos de Aveiro, possuem uma Secção Náutica, só não têm mergulhadores profissionais. Muito obrigado."

Entretanto entrou na sala o vogal Jorge Carvalho Arroiteia.

Vogal Nuno Tavares:

"Quero, em primeiro lugar, congratular-me como todos praticamente têm feito, pelo facto de esta reunião se realizar na Freguesia de S.^{ta} Joana e num edifício tão belo. E eu recorro por exemplo a minha estadia de alguns anos nos Açores, em que uma das coisas que me encantou é que todas as Freguesias faziam questão em ter um belo edifício para receber as pessoas e para aí desenvolverem as actividades culturais, que nos Açores é um bem mais intenso que na generalidade das terras do continente, mais ou menos equivalentes em dimensão. E nesta incursão de hoje aqui a terras de S.^{ta} Joana, senti-me particularmente tocado, em primeiro lugar pelo asseio das ruas - é imediatamente visível - as ruas estão limpas, estão agradáveis, dá gosto passar por aqui. Em segundo lugar a amabilidade das pessoas de S.^{ta} Joana, que me resolveu o problema de tentar encontrar o edifício da Junta de Freguesia.

De qualquer maneira, ao Presidente da Junta de Freguesia - meu queridíssimo amigo, e às pessoas de S.^{ta} Joana os meus parabéns. Vivem numa terra onde dá gosto viver e onde é facilmente adivinhável a qualidade de vida que aqui se pode ter. Muitos parabéns e continuem assim, porque dá gosto vir aqui a S.^{ta} Joana.

Em segundo lugar, e naturalmente, quero juntar-me ao sentir de todos nós, pela alegria que nos deu o nosso Beira Mar. E nem pelo facto, de como toda a gente sabe, eu ser um adepto fervoroso desde menino - ainda em Lisboa, ainda nem andava na escola e já era da Académica, nem por isso deixo de ser do Beira Mar e deixo de celebrar com o Beira Mar. E quero dizer mais: o feito do Beira Mar, é tanto mais de surpreender quanto para mim já tinha sido um feito estar na final. A presença na final da Taça de Portugal é já alguma coisa que traz glória à instituição; porque é, digamos, o culminar de um percurso que não é nada fácil, com a agravante da quebra psicológica que resulta sempre do facto de se ter descido de divisão. Não é preciso gastar muito dinheiro, fortunas, para se ter uma boa equipa, um bom clube desportivo, ou uma boa equipa representativa de um clube: é ter uma boa equipa de dirigentes, ter um projecto, ter um líder na cabina e no relvado como é o treinador do Beira Mar. E quantas vezes pela cidade fora se dizia mal - quando as coisas não corriam bem - se dizia mal do Sousa, eu disse sempre: mantenham-no que é tão bom ou melhor que os outros e é muito mais barato e conhece perfeitamente os cantos à casa e gosta de Aveiro. Teve o azar, o nosso amigo António Sousa, de ter trazido para cá o filho tarde de mais, porque se o tem trazido mais cedo, com certeza que hoje para além da alegria da taça estávamos satisfeitos porque o Beira Mar estaria na primeira divisão, e se calhar não estaríamos com os problemas da preparação da época que vem, com a responsabilidade acrescida da presença em competições europeias. Mas aí eu quero dizer também uma coisa: a vida continua e com a descida de Divisão (o meu outro clube também desceu de Divisão) não estou nada preocupado, porque para o ano quer em Aveiro, quer na Universidade de Coimbra, vamos ter

grandes alegrias com a subida dos dois. Estou convencido que sim!

O Eng.º Maia aludiu aqui a um problema muito importante, que é o da segurança nas ruas. Todos nós temos família, todos nós temos o nosso património - pequeno ou grande - e gostamos que quer uma, quer o outro estejam bem resguardados. Eu creio para mim que o problema da presença e do papel das Forças de Segurança é um problema que há que analisar, há que debater e que, sobre ele, dialogar com os respectivos responsáveis. A Polícia de Segurança Pública, meus queridos amigos, não pode continuar em Aveiro a chatear (ponham as aspas que quiserem) o cidadão com a mania da aplicação de coimas por estacionamento proibido. E há estacionamento proibido e estacionamento proibido. E há estacionamento proibido da parte de alguns e da parte de outros. Eu explico: naturalmente, que se alguém estaciona o seu carro num local onde não incomoda rigorosamente ninguém, não têm nada que vir os Senhores Agentes da autoridade aplicar uma multa - "está multado" - quando toda a gente sabe que há uma dificuldade tremenda em Aveiro no que respeita a falta de locais de estacionamento.

Por outro lado, também é preciso verificarmos uma coisa: o procedimento e o comportamento de muitos Agentes de Segurança, perante proprietários de determinados carros de uma certa cilindrada, não é o mesmo para com os proprietários de carros modestos, de pessoas modestas e humildes. É preciso dizer aos responsáveis pelas Forças de Segurança, que os seus Agentes têm de oferecer a contrapartida do respeito e do carinho que a comunidade deve votar-lhes. Nós todos, devemos ver em cada Agente de Segurança como que uma espécie, já não digo de pai, mas com certeza de protector; e quando esse sentimento de respeito se perde, a questão é muito grave! Passamos a encarar o Agente de Autoridade não enquanto tal, mas sim como alguém cuja presença se torna intolerável, incomoda. E não deve ser assim.

Isto para concluir o seguinte: seria para a Comunidade Aveirense muito mais útil que os Agentes de Segurança durante o dia estivessem a dormir descansados e durante a noite viessem todos cá para fora. Isto é evidente que não tem que ser entendido à letra, mas a ideia todos a percebem e todos a compreenderão.

O nosso querido amigo, Dr. Filipe Brandão, tem dito aqui e muito bem que a Câmara Municipal de Aveiro "é só vitórias". Deus queira que não seja de vitória em vitória até à derrota final, o que eu não quero; porque se há pessoas que lá fora, no exterior, afirmam que o papel que o Presidente da Câmara actual está a desempenhar à frente da Autarquia tem sido profundamente respeitável e até notável em determinados pontos, sou eu um deles. Não olho a cores políticas, já estou numa idade em que não olho a cores políticas; para mim interessam-me sobretudo as pessoas.

Ora bem, felizmente foi o Beira Mar que ganhou, e eu felicito a Câmara e desafio a Câmara a que continue a apoiar o Beira Mar - em que moldes é outro problema - e foi o mesmo com as eleições europeias, que naturalmente ninguém contesta, é evidente que o Partido Socialista subiu, óptimo, encantado da vida. Saibam ser - como nós sabemos ser dignos da derrota - saibam ser também humildes nas vitórias. Agora, houve aqui uma derrota que eu quero apontar: é que no Dia de Portugal, foi uma coisa óptima, venha o Dia de Portugal - mas não devia ter vindo tão cedo! Assim como eu disse que aprecio o trabalho que esta Câmara tem desenvolvido, entendo também que Aveiro está numa fase de transformação. Está numa etapa decisiva, de viragem, há obras, vê-se, enfim, que alguma coisa se move em Aveiro. Eu se por absurdo, fosse responsável pela Autarquia de Aveiro, teria falado com o Presidente da Comissão das Comemorações do 10 de Junho, Dr. Bénard da Costa, aliás pessoa interessantíssima e que fez uma intervenção, interessantíssima, aqui em Aveiro, como tivemos ocasião de ouvir; eu teria dito - agora não! Daqui a dois anos (daqui a dois anos até era óptimo para a Câmara já que se aproximavam as eleições autárquicas). É que, meus caros amigos, Aveiro neste momento não tem ainda uma sala de visitas. Teria que a fazer. E fazem-se de um momento para o outro salas de visitas óptimas, de um dia para o outro; em horas.

Em primeiro lugar, o protocolo foi o que se sabe e não vamos tecer mais comentários acerca disso. Em segundo lugar, e eu tive ocasião ainda há poucos dias de ter estado com dois dos mais altos representantes e dignatários do Estado e eles me disseram o mesmo, e eu defendi-me, enfim, como pude... mas o almoço do 10 de Junho, meu caro amigo!?! Eu bem não queria comprar o Teatro Aveirense, mas já que o compraram - arranjem-no! Agora não pode é ser aquilo: aquela multidão no Teatro Aveirense, num dia de calor enorme, num almoço de pé. E não se faz um almoço de pé no 10 de Junho; é preciso que isso se diga. Não se recebe o Chefe de Estado, os mais altos Dignatários do Estado e Corpo Diplomático, de pé, no meio de tanto calor.

Isto para dizer o seguinte: há que saber contabilizar as vitórias, mas também averbar as derrotas. Podia ter sido muito mais bonito daqui a dois ou três anos!

Houve uma coisa que também me satisfaz muito: eu não tenho vindo às últimas Assembleias, por razões óbvias. Gostei muito, do jantar do Dia da Cidade, de ouvir a Orquestra Ligeira, que é uma delícia. É uma delícia, ver dezoito jovens executarem música tão bem, de uma forma tão agradável - encantado. Deve manter-se este exemplo vivo de como pode haver uma política de juventude e fazer com que os jovens se entreguem a actividades altamente positivas e meritórias.

Outra crítica à Câmara: A Universidade de Aveiro e a Câmara Municipal de Aveiro, convidam um agrupamento do qual eu faço parte e do qual sou responsável, para vir aqui realizar um concerto no dia dezassete de Março. Viemos com todo o gosto, tivemos a satisfação de haver representantes da Universidade ao mais alto nível. O Reitor da Universidade; Professores da nossa Universidade; houve um convívio fabuloso - não estava um representante da Câmara Municipal, nem o Sr. Jaime Borges, meu querido amigo, como responsável pela Cultura. O Coro que aqui esteve, é um coro de categoria - cá e no estrangeiro - e sentimos isso com alguma dor e com algum desgosto. Foi alguma coisa que tem de ser evitada.

Duas perguntas ao Sr. Presidente: houve algum avanço na proposta da viúva do pintor aveirense Lauro Curado, para aquisição da obra do marido, Aveirense de nascimento, e cuja vontade expressa em vida, foi a de que a obra e o espólio artístico fiquem em Aveiro, naturalmente mediante a aquisição respectiva?

Em Outubro passado, falei aqui, pus aqui um problema que envolve alguma susceptibilidade, relativa às obras na Piscina Municipal, no ano passado, por ocasião da realização do campeonato do mundo de Kayak-Pólo. Sem explicação satisfatória, foi convertido um concurso público limitado, em adjudicação directa, por informação dos Serviços Técnicos da Câmara. Na altura, fiz ver essa questão e pedi que fossem tomadas medidas ou que fosse feita alguma averiguação, no que respeita a essa actuação por parte dos Serviços Técnicos. Queria saber se há algum resultado dessa averiguação?

Finalmente, dois pontos que eu como cidadão português não posso ignorar, ou não posso adiar. Em Primeiro lugar a decisão ainda ontem na Assembleia da República da Comissão Parlamentar de Investigação do "acidente de Camarate". Quem desde há vinte anos, sempre afirmou, talvez com alguma dose de atrevimento (mas era a intuição que muitas vezes nós portugueses temos), que em Camarate o que se passou não foi um acidente, foi um homicídio, foi um assassinato político, finalmente respira com algum alívio, já que talvez estejam a começar a abrir-se as portas que dêem lugar ao apuramento e à punição exemplar dos responsáveis por algumas das páginas mais negras da nossa história recente.

Por último, igualmente como cidadão português, eu não posso deixar passar em claro e começo a recear que as coisas sejam muito mais sérias do que nós à primeira vista nos parece. O que se está a passar dentro da Instituição Militar, mas com reflexos profundos para a Sociedade Portuguesa é de uma gravidade que eu não me cansarei de encarecer e de denunciar. A Instituição Militar, que nós sempre vimos como portadora de valores dos mais altos que uma sociedade política pode ter: Honra, disciplina, coesão, respeito pela palavra dada, a Instituição Militar que incute-me os

receios mais sérios, que agora não seja mais do que uma tropa fandanga. Estes não são, de certeza, os descendentes das Campanhas de África do final do século passado; do Exército Português na Flandres na I Guerra; das tropas portuguesas na Guerra do Ultramar e das tropas portuguesas agora na Bósnia, onde estão a desempenhar exemplarmente a tarefa que lhes foi determinada. Esta tropa que quer salários, que fala em dignificação da carreira, exigindo salários como qualquer - perdoem-me eles - classe profissional de terceira categoria. Essas não são seguramente, as Forças Armadas de que um país com a história que Portugal tem, com certeza necessita. Estas Forças Armadas não as queremos, e é necessário que o poder político se imponha, e ponha esta gente com juízo e a pensar e a agir como deve ser. Tenho dito. Muito obrigado.”

Entretanto entrou na sala Álvaro Patrício do Bem.

Vogal Virgílio Nogueira:

“Sr. Presidente. Srs. Vogais. Digníssimo Público. Queria primeiramente saudar a Mesa, por ter tomado esta medida de descentralização e de aproximação entre os cidadãos e Poder Político. Queria também congratular a Junta de Freguesia, porque aquilo que tenho visto ao longo dos anos e vi mais uma vez hoje, me parece de facto que pelo seu dinamismo, pelo seu voluntarismo a Freguesia de S.^{ta} Joana tem-se desenvolvido e uma prova evidente, é este edifício que muito poderá contribuir para a dinamização cultural, recreativa e também das actividades da Juventude, desta Freguesia.

Quanto ao Beira Mar, e eu que sou sócio do Beira Mar há mais de quinze anos, é óbvio que estou muito feliz com a vitória na Taça de Portugal. Agora o que me parece é que pôr a vitória do Beira Mar na Taça, nos pés da Câmara, é inaceitável. Porque ninguém responsabiliza a Autarquia pela descida de Divisão.

Por outro lado gostava também de felicitar o C.E.T.A., pelos seus quarenta anos. Eu estive quatro anos ao serviço daquela casa, e o C.E.T.A., é de facto uma estrutura, como instituição, com pendor autónomo e independente, sempre com algum criticismo nas suas atitudes e nas suas actividades, que convém salvaguardar para o futuro. Parece-me que esse património de autonomia de independência é importante.

Outro ponto que gostaria de tocar, é a questão que se prende com o associativismo. Tenho para mim que esta Câmara está a descorar a questão das associações; e está em três níveis, em três factores: em primeiro, porque tem ignorado uma série de propostas que os agentes culturais, recreativos, juvenis, lhes têm feito chegar. Em segundo, porque o pagamento dos subsídios às associações está bastante demorado, tem tido atrasos enormes e com isso tem mutilado o regular desenvolvimento das actividades das associações. Em terceiro, porque a autarquia não está a dignificar o trabalho dos agentes associativos. Um exemplo concreto que posso dar, prende-se com o deixar de fora, na próxima edição da FARAV, uma série de artesãos e de associações aveirenses. Temos exemplo noutros concelhos, em que os artesãos locais, as associações locais, são apoiadas, são acarinhadas, são colocadas nos locais proeminentes das feiras, dos recintos. Aqui pelo contrário estamos no caminho inverso - penso que isso é lamentável.

Por fim queria colocar duas questões. A primeira, é a seguinte: quantas candidaturas, ao programa municipal de apoio à iniciativa jovem foram aprovadas neste ano de noventa e nove?

A segunda questão: para quando o “ferry-boat”, para S. Jacinto, que está inscrito no programa eleitoral do Partido Socialista? Muito obrigado.”

Vogal Rogério Madaíl:

“Muito obrigado Sr. Presidente. Eu queria ser muito sucinto hoje, porque os meus antecessores já focalizaram os pontos fundamentais.

Queria também saudar as pessoas da Freguesia de S.^{ta} Joana, na pessoa do seu Presidente - Victor Martins, pelo desenvolvimento que se tem verificado nesta Freguesia e que muito nos apraz verificar.

Não queria também deixar de saudar o Beira Mar, que nos deu uma grande vitória e uma grande satisfação, e queria deixar aqui uma palavra de reconhecimento ao seu treinador - treinador esse que vestiu a camisola, porque é da zona de Aveiro, e soube motivar a equipa., e também para a Direcção do Beira Mar.

Por fim, queria também congratular-me, embora com todas as deficiências que se verificaram ao nível da organização do Dia de Portugal em Aveiro.

Um outro aspecto que eu queria também referir, relaciona-se com o problema da segurança. Eu acho que faria sentido a Assembleia apresentar uma recomendação ao Sr. Governador Civil, no sentido de tomar em consideração o problema da segurança que nos aflige a todos - todos os cidadão de Aveiro, e que tem vindo num crescendo que é importante tomar em consideração. Muito obrigado."

Entretanto entrou na sala o vogal Manuel António Coimbra Rodrigues da Silva.

Vogal Manuel António Coimbra:

"Muito obrigado Sr. Presidente. Bom, esta intervenção estava pensada numa altura em que a sala estava mais composta, porque já estou nesta Assembleia Municipal há largos anos, e não é em todas as Assembleias que nós temos uma assistência considerável. Ainda por cima uma assistência que vem cá, simplesmente para ver. Porque temos tido às vezes boas assistências, mas é para um determinado propósito - o que não é o caso. E por isso eu gostava de felicitar as pessoas de S.^{ta} Joana: primeiro, pelo progresso da Freguesia no todo do concelho; por estas instalações nobres que possui e que possibilitam a realização desta Assembleia (pena é que nem todas as freguesias do nosso concelho, dispõem destas belíssimas instalações, em que nós hoje estamos). Por tudo isto e pela maneira como o edifício está arranjado para nos receber; noto que a entrada está de certa maneira enfeitada e toda esta sala está digna, para receber a Assembleia Municipal. E penso que isto muito honra as pessoas da Freguesia de S.^{ta} Joana e muito honra também os membros da Assembleia Municipal, em que eu me incluo.

Tirando esta introdução, gostaria de comentar as intervenções do público. Eu acho muito importante que o Público possa intervir e gostava de fazer uns pequenos comentários acerca das duas intervenções que nós tivemos. Primeiro: a intervenção do Sr. Rui Barros - uma pessoa que já conheço há algum tempo desta Assembleia Municipal, e uma pessoa que admiro pela sua presença aqui na Assembleia Municipal, ao Serviço da Câmara Municipal da altura, mas também como já referiu o Sr. Presidente, pelo livro que teve a coragem de fazer - com alguns erros é certo, mas com uma coragem de ir para a frente e de fazer um pouco de história do Município de Aveiro, e das pessoas que têm dado o seu contributo para a gestão do Município de Aveiro. Acerca da Intervenção do Sr. Rui Barros, gostaria de realçar um ponto - que é: o interesse que a Ria de Aveiro, já desperta aos operadores turísticos. Isto não me admira nada, e é um principio de um interesse que eu acho que cada vez vai ser maior. Pena é, que não tenha ainda havido intervenção na Ria, de maneira que possamos potenciar todos os recursos que ela tem, que ao mesmo tempo seria proteger aquilo que é natural, com uma intervenção turística. Quanto há questão de a Câmara, estar a fazer concorrência aos operadores, penso que a questão não se pode pôr nesses termos. A Câmara Municipal, tem os seus moliceiros; acha que passear pela Ria é agradável - e eu também acho - há que mostrar a Ria às pessoas que passam por Aveiro; os operadores turísticos vêm mais tarde. De certeza que fizeram prospecção de Mercado, para saberem se realmente haveria lucro ou não e entretanto a Câmara, já estava instalada na

divulgação da Ria. Penso que terá que haver, quase de certeza, maneira de todos nós podermos ganhar, seja operadores turísticos, seja a própria Câmara Municipal, seja, enfim, todos os munícipes de Aveiro, muitos deles infelizmente não conhecem a Ria.

Quanto à questão do saneamento; mais uma vez, é uma questão que começa a ser velha, mas acho que já estava na altura da Câmara dar o braço a torcer e achar que a taxa de saneamento não tem cabimento, e de uma vez por todas assumir os custos do saneamento, do Concelho de Aveiro.

Gostaria também de referir o Beira Mar. Congratulo-me com o facto de o Beira Mar ter ganho a Taça de Portugal, e fiquei muito contente pelas comemorações que aqui se registaram. Porque são comemorações que extravasam o próprio Município de Aveiro. E isto quer dizer que o Beira Mar é um clube de Aveiro, mas de um Aveiro alargado e não um Aveiro pequenino, que muitas vezes nós gostamos de encaixilhar dentro de uns muros que já não existem, de uma cidade. Aveiro é muito mais! E eu penso que a Câmara teve essa noção, aliás o Sr. Presidente da Câmara, ao convidar os outros Presidentes de Câmara, do Distrito de Aveiro, a associarem-se à festa do Beira Mar, está exactamente a fazer isto. E eu penso que deve ser isto que nós temos que fazer. O Beira Mar é um clube representativo de toda uma região - e é assim que nós temos que ver. Por isso acho que a Câmara ao apoiar o Beira Mar, não está a fazer mais do que aquilo que eu acho que a Câmara devia fazer. Louvamos porque realmente fez bem - e muito bem, e o Beira Mar ganhou e o Sr. Presidente tem todo o mérito, não lhe tiro o mérito, mas também vamos lá ver: o mérito era demérito ele não ter apoiado o Beira Mar, mas apoiar com os pés assentes na terra, e como o Prof. Britaldo já referiu e muito bem, várias vezes. É preciso fazermos um balanço, de quanto custa o apoio ao Beira Mar. E se calhar damos mais, ou se calhar não dar tanto. Mas devemos fazer esse exercício; esse exercício já foi pedido várias vezes aqui nesta Assembleia Municipal. O Sr. Presidente tem apoiado o desporto profissional, às vezes com riscos - é verdade - riscos que por vezes, resultam em benefícios, mas lembro também o Aveiro Basket, que infelizmente e para desagrado meu, não tem dado ainda os benefícios que eu espero que esta próxima época venha a dar. Muito obrigado Sr. Presidente."

Vogal Armando Vieira:

"Muito obrigado Sr. Presidente. Eu quero começar aqui por saudar, obviamente, é uma grande satisfação para mim, apesar de não estarmos na minha Freguesia, pela atitude de descentralização que a Mesa da Assembleia entendeu dever fazer, nas reuniões desta Assembleia, indo ao encontro daquelas reivindicações de longos anos, porque o concelho de Aveiro não é apenas a cidade, são todas as Freguesias que o constituem.

Quero pois cumprimentar a Mesa pela decisão; quero cumprimentar a população de S.^{ta} Joana e quero cumprimentar a Junta de Freguesia de S.^{ta} Joana, pelo excelente trabalho que tem realizado nesta Freguesia, de um grande dinamismo, contra tudo e contra todos, sofrendo muitas vezes graves incompreensões - e estou a lembrar-me de uma pessoa que está ausente, a quem desejo as grandes melhoras no seu estado de saúde, que é o Dr. Raúl Martins, que se atreveu um dia a titular este edifício de "Pagode Chinês". Está visto que não é nenhum Pagode Chinês, foi uma atitude de desconsideração para com a Junta de Freguesia de S.^{ta} Joana e para com a sua população, e está visto que afinal é um edifício bem funcional, bem real e bem adequado aos nossos tempos.

Quero depois saudá-lo Sr. Presidente da Mesa, pela sua recente eleição para o Parlamento Europeu. Todos esperamos de V. Ex.^a uma prestação ao melhor nível (de que é capaz) na defesa dos interesses de Aveiro e das suas gentes. Desejo-lhe uma grande felicidade no desempenho dessas funções.

Quero também saudar o Beira-Mar e a sua excelente vitória no final da Taça. Devo dizer que não sou sócio do Beira-Mar. Há dias eu e alguns deputados do PSD, tínhamos decidido quando o

Beira-Mar desceu de divisão, aderir como sócios; entretanto como houve a vitória na Taça entendemos que devemos travar um pouco isso para não parecer colagem.

Quero aqui saudar também, em nome do Presidente da Distrital do PSD de Aveiro e em nome do Sr. Presidente do Grupo Parlamentar do PSD, pelo excelente trabalho do pessoal dos Serviços de Cultura e do Sr. Vereador, que muito agradaram e que foram incansáveis no apoio às Jornadas Parlamentares do PSD que ocorreram no Centro Cultural e de Congressos. Aqui o meu agradecimento, que transmito em nome do Dr. Marques Mendes, dos Srs. Deputados e da Comissão Política do PSD de Aveiro.

Quero ainda dizer aqui, como membro desta Assembleia, que entendo que no final da Taça de Portugal o Sr. Presidente da Assembleia, da qual faço parte e que é órgão mais representativo do concelho de Aveiro, foi desconsiderado. Eu que reparei nisso, acho que não devemos tolerar. Quem teve a responsabilidade de distribuir os convites para a tribuna de honra cometeu uma falha grave; e ao desconsiderar o Presidente desta Assembleia desconsiderou-nos a nós, desconsiderou a população de Aveiro. O Presidente desta Assembleia devia ocupar por direito próprio um lugar na tribuna de honra. De igual modo, na sessão do 10 de Junho, não achei bem que na Mesa de Honra não estivesse o Presidente desta Assembleia. Acho que para além do Sr. Presidente da Câmara deveria ter estado o Sr. Presidente desta Assembleia.

Como todos nós sabemos o 10 de Junho, ainda bem que o regime democrático soube estabelecer este dia como o da Nacionalidade e da Pátria homenageando aquele que foi o maior de todos nós. Lembro que no período do PREC, nas ex-colónias, era proibido ler Camões. Foi um período que a democracia soube ultrapassar e que esses povos irmãos de África, também estão a saber ultrapassar. Mas neste dia 10 de Junho foram cometidas várias ofensas aos Aveirenses. Primeiro à solenidade da cerimónia. Quando estava a proferir a sua oratória o Dr. Bénard da Costa, entrou na sala um homem que depois vim a saber chamar-se José Mota - espavorido, em altos berros, a dizer: onde é que esta o França! Onde é que está o França!

Nós que estávamos ali sentados numa fila (está aqui à minha esquerda a pessoa que estava comigo sentada), como não sabíamos do França não respondemos ao homem. Depois saiu, encontrou o França e trouxe-o para a nossa frente!? Então, talvez numa tentativa de se justificar perante umas notícias que tinham saído nuns jornais nas vésperas, de que o França estava marginalizado por causa do senhor Malícia, que é do Instituto da Juventude, o homem esteve a falar durante toda a cerimónia. Não só falava alto - perturbava a cerimónia- como de uma falta de educação a todos os níveis, porque além de falar alto tinha o desprazer de atender o telemóvel e fazer telefonemas!?! Foi uma desconsideração inadmissível à cerimónia em si, ao Sr. Presidente da República, ao Dr. Bénard da Costa, ao Sr. Presidente da Câmara de Aveiro e a todos nós. Inadmissível!

Eu que tenho por brincadeira o hábito de dizer que sou rural, mas afinal tenho regras de educação, quando cheguei ali desliguei o telemóvel e deixei-o no carro; porque para cerimónias deste tipo não se leva o telemóvel. Que falta de nível, meus Senhores!! Mas, esse José Mota não ficou por aqui com as ofensas à população de Aveiro.

Na recepção oficial Sr. Presidente da Câmara, que teve a amabilidade de oferecer, que infelizmente não correu como se desejaria, mas com certeza não seria a vontade do Sr. Presidente da Câmara que assim acontecesse, o senhor José Mota cometeu a deselegância de não estar presente na recepção oficial, e com ele outro homem, que dá pelo nome de Antero Gaspar e é Governador Civil de Aveiro!? Foram para um restaurante da cidade falar alto e umas pessoas que estavam ao lado tiveram de se levantar e mandá-los calar. É lamentável que o Presidente da Federação Socialista do Distrito de Aveiro tenha um comportamento destes.

Meus caros amigos do Partido Socialista, é tempo de terem um Presidente, um coordenador ou lá o que é, com outra categoria. Em Aveiro, no Partido Socialista há gente com muito mais categoria do que aquele senhor.

Depois, deixem-me aqui referir as duas intervenções. A da Sr. D. Maria Eulália acerca dos ramais - estou consigo minha Senhora nesta luta. Eu sou de Oliveirinha, as pessoas não têm dinheiro para pagar os ramais. Eu digo Sr. Presidente, a Câmara de Aveiro teria uma atitude de largo alcance se pura e simplesmente eliminasse o ramal. Porque é que a população para ter um serviço público há-de ter de pagar um ramal que até está na estrada?! A população pode é pagar uma taxa moderadora pela prestação do serviço, que a longo prazo venha a ter o mesmo efeito. Isso é que será uma medida de longo alcance social, bem aceite por todos, porque eu sei que as pessoas aceitam muito bem pagar uma taxa mensalmente, mas não aceitam de maneira nenhuma pagar esta taxa de ligação do ramal, que além do mais é violentíssima para famílias muitas delas necessitadas, muitas delas não têm dinheiro para comer, Sr. Presidente!!

Depois a intervenção do Sr. Barros, uma pessoa que conhecemos há muitos anos e por quem temos muito carinho. Sou um defensor da actividade privada, é preciso defender a actividade profissional porque como sabem os estrangeiros estão a entrar por aí a dentro e a dominar tudo. É preciso proteger aqueles que têm a coragem de fazer Turismo na nossa Ria. Devo dizer, que uma parte dos Deputados do PSD do grupo de trabalho que se formou fez um passeio nessa lancha, gostou imenso, e prometeram voltar. Não conheciam. Foram à APA, visitaram o porto, ouviram as explicações do Sr. Presidente da APA, e foram daqui com certeza muito mais imbuídos das necessidades e das solicitações e daquilo que é devido a Aveiro e que não tem sido dado. Portanto, estou com o Sr. Barros nesta luta. Não pode o Município de Aveiro com a sua capacidade financeira competir com os privados, só muito pontualmente deve ceder as lanchas. Que me perdoe o meu amigo Álvaro do Bem, mas como é possível que a Câmara ceda gratuitamente ao Sindicato dos Bancários uma lancha, quando o Sindicato dos Bancários do Norte se gaba de ter centenas de milhares de contos para fazer negócios. Porque é que não pode pagar a lancha ao erário municipal? Porque é que há-de a Câmara fazer concorrência com a actividade privada?

Depois dizer que, aproveitando a presença dos Deputados do PSD, tive oportunidade de participar num dos grupos, e quero dizer-vos meus senhores que há um excesso de produção de batata na presente colheita. Os senhores sabem que há um "dumping" feito pelo seis grandes comerciantes de batata e que estabeleceram um preço arrasador para o sector?! Sabem que estão a oferecer 5 escudos por quilo aos produtores de batata, que nem de longe nem de perto chegam para pagar as sementeiras. E as pessoas choram. Vi gente de mãos calejadas, de rosto tisonado pelo trabalho, pelo esforço, a lamentarem-se, a chorarem - nós não temos dinheiro para pagar os encargos com as colheitas e não temos dinheiro se precisarmos de ir ao médico ou para ir ao hospital. Para comer, vamos comendo umas batatas que vamos tendo e uma coisitas que vamos lá tendo em casa, mas não temos dinheiro nem para ir ao médico.

E ninguém olha para aquela gente!? A ser assim, onde está a tão apregoada solidariedade do Governo Socialista? Não podem aquelas pessoas serem abandonadas à sua sorte. Se a intenção é liquidar a agricultura portuguesa, eu digo-vos que é preciso, e rapidamente, e os Governos do meu Partido também tiveram culpas porque fizeram uma lei da pré-reforma das pessoas que trabalham no campo, mas não a levaram à prática. E, este Governo Socialista que tantas promessas fez, continua a não a levar à prática; e há pessoas que não têm qualquer capacidade de reconversão para outra actividade profissional - e essas pessoas estão a definhar.

Dizia-me alguém muito responsável: as pessoas estão a morrer por falta de assistência médica e por vergonha de não terem dinheiro, preferem ficar em casa a morrer mais cedo do que seria a sua hora. Isto está a acontecer em muitos lados, nomeadamente na Bairrada. Não sei se sabem, em vinho, na colheita de 98, foi 10% dos valores de 97. Uma desgraça para o sector. Até agora nada

fez o Governo por esta gente. Nada. Zero. Fizeram uma porcaria de um seguro de colheita, que se não fosse tão sério e tão dramático dava vontade de rir. Fizeram um seguro de colheita que entre outras coisas tem como riscos seguros, explosão e incêndio. Vejam lá uma vinha a explodir!! É isso que afecta a vinha?! As verdadeiras calamidades que afectam o vinho não estão nas apólices, e no entanto as pessoas pagam dezenas de milhares de contos para aguentar esses seguros, que nada dizem e só servem para engordar as companhias de seguros. Isto é inadmissível. Este dinheiro deveria ser distribuído aos agricultores. E, a haver seguros - e deve havê-los - têm de ser com prémios de seguro bem mais baixos e têm de ter riscos cobertos, verdadeiros riscos daquele sector.

Eu sinto muito os problemas das gentes do campo, Sr. Presidente. E sabe porque é que sinto? Porque eu fiz todos os trabalhos do campo. Eu sei bem o que é andar de sol-a-sol a cavar vinha. Eu sei bem o que é andar na Ria a carregar junco. Eu sei o que é lavar marinhas para semear arroz. Eu sei bem o que é a cultura das batatas. Eu sei bem tudo o que isso é. Por isso, sinto os problemas dessas pessoas e sei o que isso significa. Eu que sou de uma terra, que em termos de produção agrícola é relativamente abastada e o meu pai que era um agricultor relativamente abastado, dizia-me: homem, tu governas bem a tua vida trabalhando o campo. E sabem porque é que eu detestei sempre praticar a agricultura? É porque eu considero que os agricultores são uns palhaços (dizia isso ao meu pai e ele dava-me razão), são uns palhaços - não fazem o preço àquilo que compram e não fazem o preço àquilo que vendem. Essa revolta senti-a desde miúdo. É o que está a acontecer neste momento meus senhores. Este Governo que diz que está tudo bem, eu digo-vos está tudo mal. Mas, alguém me comentava - sabe Armando Vieira, o sector agrícola não é estrategicamente importante para o Governo Socialista, significam apenas uns 500 mil e mais alguns da família e que tradicionalmente nem votam Socialista. Estão abandonados à sua sorte, mas foram abandonados também pelos nossos - é a verdade nua e crua. Mas todos nós temos de olhar para uma classe que é muito honrada, que é esforçada e que tem direito a ter uma velhice tão boa e digna como qualquer outro.

O Dr. Capão Filipe fez aqui a defesa da A1. Eu digo Senhor Doutor, a bancada do Partido Socialista não faria melhor. Promessas são mais que muitas. Eu gostaria de o ver como membro desta Assembleia, que representa o concelho de Aveiro, preocupar-se por exemplo com a variante à nacional 235/335, que eu sei que está nos planos do Sr. Presidente, mas é preciso acelerar isso. Aquela entrada sul da nossa cidade é uma vergonha. O arranjo e o asseio das margens dessa mesma estrada é a vergonha da nossa cidade. Eu já me lembrei (porque aquela estrada atravessa na minha freguesia) mandar limpar na minha área de influência, mas infelizmente não temos verbas, porque senão era isso que eu faria, e depois colocava uma lá uma placa "aqui é Oliveirinha", só que infelizmente não temos dinheiro que chegue para fazer isso.

Quanto à Saúde, o Dr. Capão Filipe estava muito preocupado com a diminuição da área geográfica de influência do Hospital Distrital de Aveiro. Eu quero perguntar ao Dr. Capão Filipe, se por acaso procurou saber porque é que os utentes do Hospital de Aveiro não se importam de se afastar do Hospital de Aveiro! Será que os Srs. Médicos com o seu absentismo sistemático estão a credibilizar o Hospital de Aveiro ou estão a destruí-lo?! Será que nas urgências não devem estar profissionais de cada uma das especialidades? Mas quando chega uma urgência não está lá; tem de ir para Coimbra! O que é que estamos a fazer ao Hospital de Aveiro com este procedimento? Onde é que está a autoridade? Há dias dizia-me um pensador que: «a democracia tal qual está, traz no seu seio a semente da destruição». Porque o Estado não desempenha cabalmente as suas funções. A autoridade está na rua; ninguém é responsabilizado, não há processos disciplinares que sejam exemplares para que isto entre nos eixos - a todos os níveis meus senhores. Veja bem Dr. Filipe, estamos numa freguesia em que o Presidente da Junta

foi bem perseguido por toda a gente, nomeadamente pelo seu Partido, e tem uma filhita pequena que ia para a escola e que foi discriminada ao entrar na escola - foi perseguido pelo seu Partido. Bem eu não quero comentar os processos disciplinares, porque eu aí estou muito mais à vontade de falar do que o senhor. E o senhor que é especialista em Direito, com certeza que sabe, que uma das regras básicas da justiça é que «até prova em contrário, toda a gente é presumível inocente». Ninguém tem o direito de condenar, como foi feito, nos casos em apreço, como foram noticiados em parangonas, as questões que estavam a ser averiguadas e que deviam sê-lo em segredo de justiça. Se o tivessem feito em segredo de justiça se calhar os resultados seriam bem diversos daqueles que foram. Tenho dito.”

Vogal Álvaro do Bem:

“Sr. Presidente, foi invocado aqui um pretensio problema relativo aos barcos, e o membro desta Assembleia e meu amigo Armando Vieira, invocou uma organização e identificando essa organização com a minha pessoa, fez aquilo que se chama em política uma manobra de diversão. Algumas das pessoas que vivem na política e se movimentam na política, ainda não compreenderam que uma associação tenha ela a designação e o cariz que tiver, não deixa de ser uma associação. O Sindicato que o Sr. Armando Vieira invocou é uma associação que muito tem trazido a esta cidade e a este concelho, em variadíssimas iniciativas, de carácter cultural e recreativo. Saiba esta Assembleia e o Sr. Deputado, que a organização que o Sr. falou tem 20 mil sócios, e que dos 1.300 sócios existentes no concelho de Aveiro e arredores, fazem com que Aveiro seja conhecido, seja visitado, por todos os sócios que vivem a norte do rio Douro. De qualquer maneira, o Sr. Armando Vieira confundiu, como confunde o patronato mais retrógrado que existe em todo lado, aquilo que é um sindicato e uma associação. A verdade é que a palavra sindicato ainda causa a algumas pessoas algumas peles de galinha quando se fala neste nome. Daí que passados 25 anos do 25 de Abril, existem pessoas em política, que ainda confundem e tapam o sol com a peneira. Daí que o Sindicatos dos Bancários e a sua Direcção de Aveiro, estará sempre disponível para o Sr. Armando Vieira e todos aqueles que duvidarem do que é o verdadeiro associativismo, das quais as forças políticas integrantes desta Assembleia estão perfeitamente representadas e democraticamente apresentadas no meu sindicato, para lhe indicar e fazer ver, a esse Sr. Deputado e a todos os Srs. Deputados que queiram, como é que se rege a vida democrática dentro de uma organização democrática. Daí que, o facto de o sindicato beneficiar ou não de alguma benesse desta Câmara, é tão simples como uma troca ou um protocolo cultural, porque o meu sindicato tem trazido muitas coisas a esta cidade e os quais alguns dos elementos desta própria Assembleia podem testemunhar. Espero sim, que de futuro, quando nos jornais se fala de candidatos a deputados, não desmereçam essa designação de candidatos a deputados, que seria uma má referência para Aveiro e para os Aveirenses.”

Vogal Armando Vieira:

“O meu comportamento na defesa das pessoas e das instituições, não precisa de lições de ninguém, muito menos de quem chegou há dias a estas questões e a estas andanças. Devo dizer Sr. Presidente, que a Câmara do Porto, também faz cedências a instituições dos barcos que navegam no Douro. Mas sabe como é que o faz Sr. Presidente? Paga às empresas essas cedências; não cede gratuitamente. Portanto, esta é a resposta. Não estou aqui a pretender, mas “peles de galinha” dos sindicatos!! Eu passei pelo 25 de Abril, estive em África, fui empresário pós o 25 de Abril, sempre tive uma excelente relação com os trabalhadores que trabalharam comigo. Excelente relação. Portanto estou à vontade. O Sindicato - eu sempre fui um defensor disso; eu até fui do Sindicato dos Empregados de Escritório.

Mas, a propósito de aquisições, falou-se aqui do Beira-Mar e da família Sousa, por quem todos nós temos um grande apreço. O Pai Sousa é um homem humilde, sereno, sensato, e daí merecer de todos nós um grande apreço. Mas ao que dizem os jornais o filho Ricardo vai para o Futebol Clube do Porto. Lamentamos, porque é um jovem com um futuro promissor, mas há outra instituição que também fez essa aquisição, há uma outra instituição que também fez entrar nas suas fileiras o Ricardo Sousa, é o PSD.”

Vogal Álvaro do Bem:

“Sr. Presidente, é um esclarecimento porque o Sr. Deputado em resposta deixou-me baralhado. É que disse, que não aceitava lições, mas fiquei a perceber que os recém vogais desta Assembleia são parceiros diminuídos. Deu a entender o Sr. Deputado, que de facto, nós não temos o mesmo direito porque estamos aqui há menos tempo.

Pretendia que o Sr. Presidente da Assembleia, diga ao Sr. Deputado, que o estatuto de Vogal desta Assembleia é exactamente igual para qualquer recém-chegado a esta Assembleia. De facto, isto é pedagógico para quem não quer receber lições.”

Vogal Virgínia da Silva Veiga:

“Para dizer apenas, de algumas chegadas a intervenções anteriores. Antes porém, eu gostaria de saudar a hipótese que temos de estar aqui hoje, sempre aprendemos mais qualquer coisa, é importante sair do centro da cidade e sobretudo penso que é muito importante para nós, penso que também é importante para as pessoas que residem e se mantêm normalmente dentro da área das suas freguesias. Isso viu-se, com a afluência que se viu aqui, que estimo e agradeço, tenho pena que não possamos continuar, vamos continuar no Centro Cultural e de Congressos, espero que as pessoas tenham a paciência de ir ter connosco até lá e ganharem o hábito de nos ouvirem. Porque, afinal de contas, apesar de às vezes se intervir de forma mais longa do que aquela que eventualmente melhor poder de síntese iria permitir, verdade seja que, sempre todos aprendemos mais alguma coisa nem que seja uma coisa tão simples como isto: a conhecer-nos um pouco melhor.

Eu gostaria de deixar uma palavra para as duas intervenções relativas ao público, para dizer que dado o adiantado da hora não me pronunciarei sobre nenhuma das duas. Ambas já tinham sido motivo de intervenções na Assembleia Municipal e haverá posteriormente momentos em que nós iremos poder pronunciar-nos sobre elas; pois ambas são pertinentes por diferentes razões. Há aspectos de ambas as quais subscrevo, há aspectos de ambas em que estou em desacordo, portanto seria alongar agora demais.

E, agora sim, espero não falar tanto como o meu antecessor Armando Vieira, queria referir alguns aspectos referidos aqui hoje e sublinhar outros não tão patentes. Permitir-me-ão, hoje, porque é uma coisa para o qual já chamei a atenção mais que uma vez e que às vezes parece despreciada e não é.

Quando se trata de falar de mulheres em política, não se pretende apenas que existam quotas e lugares e buracos, para meter lá umas senhoras, independente até da respectiva qualificação. O que se pretende penso eu, com isso, é que haja visibilidade para um sector da população, mas que haja sobretudo uma política global de fundo em relação a esse sector da população. E que comece por uma coisa extremamente simples, como sejam, os horários das reuniões. E começam também por pessoas extremamente simples, como sejam, todas aquelas pessoas também que não têm o azar de trabalhar em gabinetes como eu, têm a sorte de trabalhar a terra que é um trabalho bem mais digno, mas começa também por aí. Nós vimos hoje o interesse que teve para o sector feminino de Santa Joana o início desta reunião - reparam a que horas as mulheres começaram a sair? É que mais ajuda menos ajuda entre os casais, verdade seja que, hoje ainda são quem se

dedica ao afazer doméstico das refeições e de preparar e acarinhar os jantares das famílias; as mulheres não iam poder continuar a estar aqui. Depois haverá outras questões laterais ainda, muitas gostariam de ter podido sair à noite, agora sabe-se lá porque aqui não estarão. Talvez por não terem condições de transporte, ainda não é assim tão fácil andar-se por aí à noite e quem sabe, algumas não têm a possibilidade de sair, sob pena das represálias que sofreriam ainda hoje em casa. Reuniões como estas, já não digo as habituais, aquelas que forem sendo feitas nas freguesias, penso que deviam ser com o sacrifício de todos nós, mas penso que em nome desse sector feminino, deveriam ser feitas ao Sábado ou ao Domingo, em horários em que as mulheres simples do povo (se me permitam a expressão) pudessem estar presentes, porque também gostam disto e também gostam de entrar na política e é assim que se começa.

E, eu passo desta presença das mulheres hoje aqui, para uma outra presença das mulheres, com que muito me congratulo, e que também subscrevo e que também cada vez mais prometo tentar participar. O Beira-Mar e a sua descida de divisão e a taça que conquistou.

Registaram com certeza o que foi o apoio feminino ao nosso clube. Eu gostei imenso de ver isso. E como penso que o dinheiro das mulheres é tão bom como o dos homens, as mulheres sócias farão com certeza um Beira-Mar melhor e ajudarão também a que Aveiro possa ir mais longe. Em relação à questão do Beira-Mar e do pouco que sei de futebol, vejam o que acontece com a massa associativa feminina no Porto. É extremamente importante, Aveiro está a despertar, penso eu, em grande, a massa associativa feminina e penso que isso é bom, porque as mulheres têm mais um pretexto para sair de casa e ganhar mais oportunidades e não estarem só presas aos jantares e às grandes obrigações da vida. Eu vi já nesta Assembleia uma crítica, que todos nós não esquecemos, aos hipotéticos 200 mil contos que era o somatório de dinheiro para obras e mais um donativo da Câmara ao Beira-Mar e protestou-se isso como se tivesse dado um grande dinheiro ao Beira-Mar. Agora, claro, na hora dos vencedores e das vacas gordas, já se acha que é tudo muito pouco; eu também acho que é pouco, acho que deve ser dado muito mais. E não tenho dúvidas que, o nosso Presidente de Câmara e o Executivo, dão tudo o que puderem. Agora, também tenho é certezas das críticas e isso leva-me à SAD. É que a SAD não está em tempo de vacas gordas como o Beira-Mar e então as críticas é a “malhar”. Quer dizer, batem, batem, batem, porque está na mó debaixo porque se tem vindo para a mó de cima, então já o Sr. Presidente tinha razão no empenho que tinha tido.

Eu permito-me fazer este aparte porque não se podem ter dois pesos e duas medidas. Se bem que os desportos sejam diferentes, a aposta de base foi rigorosamente a mesma. E nós ao fazermos aqui constantemente críticas desatempadas, porque ainda não lhes demos tempo de mostrar o que podem valer, tudo isso se vai repercutir inclusive na própria subjectividade, na própria parte psicológica dos jogadores e isso é prejudicial (não a nós) à cidade; da mesma forma que a vitória é benéfica para a cidade. Entendo nesse aspecto, que se seja atento, se seja vigilante, se seja crítico, mas também se tenha apenas um peso e uma medida para coisas, na parte em que elas são iguais. Devo dizer ao Armando Vieira, que eu procurei de facto ser sócia do Beira-Mar quando tinha descido de divisão; não fui a tempo, mas não seja por isso, agora, por maioria de razão acho que as pessoas se devem fazer sócias do Beira-Mar.

Finalmente, duas pequeníssimas questões. Uma tem a ver com a intervenção do Dr. Nuno Tavares e a questão das comemorações e da forma como correu a cerimónia. E, devo dizer, esta coisa de que não se serve uma refeição daquela maneira a pessoas daquela natureza - eu peço imensa desculpa, já estive em várias ao mais elevado nível e devo dizer que a contrária é que é hoje em dia verdadeira. O sentar as pessoas deste nível, aborrece-as de morte. Eu estive lá e pude ver (não vou dizer os nomes) a gabar extremamente o modo como estava organizado, as coisas que estavam a ser servidas e a possibilidade de estarem ali a conversarem. Devo dizer, só para estabelecer a comparação, eu tive a oportunidade de estar na última organização da Presidência

da República similar a esta, que foi no Castelo de Leiria, e tive a oportunidade de ouvir lá, que como era sentado as pessoas não tiveram oportunidade de falar umas com as outras, evidentemente que os jantares servidos sentados não têm a dignidade de serviço que teve este, e devo dizer que este foi extremamente elogiado e permitiu uma coisa espectacular para Aveiro - eu cheguei a dizer a uns jornalistas, porque passou um pouco despercebido aos jornalistas, era um "maná" para os jornalistas. Se estivessem a olhar à volta a verem a quantidade de oportunidades que houve de colocar problemas como o das bombas do Kosovo. Porque também aí não estou de acordo - foi um belíssimo sítio escolhido, porque nós sabemos que Aveiro está na graça do Poder neste momento, desde o Primeiro-Ministro, o Presidente da República, passando por todas as outras pessoas estão com uma atenção incrível ao que se está a passar em Aveiro, cheios de boa vontade para com Aveiro, precisam de ver o que nós precisamos, e foram extraordinariamente bem recebidos e não levaram nada a mal, antes pelo contrário, de ver que nos faltava ainda alguma coisa.

Vou terminar com o último ponto, pegando na intervenção do Dr. Miguel Capão Filipe, que eu hoje tenho de subscrever até de alma. Fez uma intervenção não partidária, fez uma intervenção para Aveiro, falando em grande. Nós temos de pensar em grande nas várias coisas. Fala-se que a Ministra da Saúde venha a ser cabeça de lista pelo Partido Socialista por Aveiro, não sei se vai ser se não vai, interessa-me que isso fala-se. Isto é o suficiente para ela agora ler todas as notícias que respeitem a Aveiro - defendemos um novo Hospital para Aveiro, atrevemo-nos a isso, e sobretudo percebe-se de uma vez por todas, que quando isto está a acontecer está ao mesmo tempo a falar-se em ir para Coimbra em reforço. Se nós não estamos aqui para nos defender a nós, quem nos defende? Nós temos efectivamente de pegar nestas grandes questões e avançar com elas. E o Serviço de Emergência Médica de que falou é extremamente importante; temos de pensar alto. Temos de bater profundamente também (eu pensei que o Sr. Armando Vieira hoje viesse falar também das estradas e reivindicá-las), eu estimo o nosso Ministro João Cravinho, que eu acho que está a fazer um bom papel, mas atrevamo-nos, embora saibamos que o está a fazer, atrevamo-nos a reivindicar para maior rapidez; atrevamo-nos a reivindicar para aquela Capitania a maior rapidez possível e falar num unísono de coisas que realmente Aveiro merece; como o conjunto das intervenções que nós aqui tivemos revelou que merece, porque está com uma atenção que nunca teve. Se nós não aproveitamos a maré, quem há-de aproveitar por nós? E, em matéria de Saúde, virando-me para o Sr. Presidente da Câmara, peço que se vire para uma coisa que aparentemente não é dele, que é a propósito dos Serviços de Emergência Médica, o caos que estão as praias que não são nossas, são de Ílhavo, mas na realidade são um perigo em matéria de entupimento e de eventual incapacidade de salvamento de naufragos a tempo. Eu tenho um pequeno apartamento virado ao mar; todos os anos vejo morrer pessoas da minha varanda - é uma coisa incrível. Fico sempre com a incerteza se teria podido vir alguém a tempo. E um dos problemas é o de não estar ali permanentemente um mergulhador; um dos problemas é nós não termos uma acção conjugada com os municípios de Murtosa/Aveiro/Ílhavo."

Entretanto saíram da sala os vogais Rogério Mário Madaíl da Silva e Manuel Branco Pontes.

Presidente da Câmara:

"Muito obrigado. Depois de uma Sessão tão rica e com intervenções tão interessantes, foram muitas as questões, estive a tentar elencar as questões que me pareceram mais importantes e peço antecipadamente desculpa se porventura deixar alguma questão.

Começando pela intervenção do Sr. Barros, relativamente à exploração da actividade turística de barcos na Ria. Já foi aqui frisado, quando estes investimentos aparecem eu penso que se fazem

estudos de exploração comercial. Como sabem a Câmara de Aveiro ainda não tem jurisdição sobre o canais e, portanto, não somos nós que licenciámos este tipo de actividade e por outro lado havia uma variável deste segmento de mercado que devia ser ponderada, que era a Câmara dispor de barcos e dispor de barcos para exercer a sua função social de transporte público para freguesia de S. Jacinto e também barcos para passeios na Ria, porque uma das competências da Câmara de Aveiro é também promover o Turismo. Claro que há opiniões para todos os gostos e houve vozes aqui na Assembleia que se exprimiram com um tom muito crítico em relação àquela embarcação. Penso que desde que estejam garantidas as condições de segurança nós devíamos, justamente se queremos ser ambiciosos na exploração e no reencontro com a Ria, devemos ser muito exigentes no tipo de barcos que vamos autorizar também nas questões de estética e nas de segurança. São opiniões, enfim, não gosto mas respeito, enquanto não houver de facto uma entidade que tutele tudo isto, que diga que tipo de embarcações é que podem circular, que percursos é que podem fazer, quantas pessoas é que podem levar, como é que se articula isso com as cedências gratuitas que a Câmara faz ou não faz. E um pequeno aparte Sr. Armando Vieira, só para lembrar que no caso que invocou da Câmara do Porto. A nossa situação é diferente, a Câmara do Porto pagou às empresas, neste caso os barcos são nossos não temos de pagar a ninguém, mas mesmo assim, não tenho o dossier presente, mas julgo que o Sindicato em causa pagará a lancha; foi isso que ficou acordado. O meu voto aqui é para que rapidamente tudo isto se clarifique, para que a Câmara de Aveiro possa assumir as suas responsabilidades nesta matéria. Neste momento não podemos, e coisas tão simples como licenciamento de "gaivotas" no canal, como sabem, não somos nós é ainda a APA.

Depois, a outra intervenção relativamente ao saneamento. Como sabem, já aqui abordámos várias vezes a questão do saneamento, em todo caso não queria deixar de responder à Sr. Professora que tornou a suscitar a questão, lembrando três coisas: por um lado, não há arbitrariedade nenhuma na fixação do custo do ramal, e a aparente arbitrariedade que pareceu pelo facto de existirem taxas diferentes nos concelhos contíguos, é explicada por razões técnicas também. Como é sabido, são entidades diferentes com estruturas de custos diferentes, com morfologias de terrenos diferentes e, portanto, o custo médio a que se chega para cada ramal é necessariamente diferente em cada um desses concelhos, porque as realidades são diferentes. Isso é uma parte da explicação. Depois, eu torno a lembrar (peço desculpa de insistir nisto), as pessoas estão a pagar na sua grande maioria; há uma pequena percentagem que não é significativa que de facto não têm pago, porque está ainda mal informada. Mas eu quero lembrar que, estes 82 contos paga-se uma vez na vida, que é quando chega o saneamento. E se estamos a ter esta contestação, temos de ver o lado bom desta contestação, é que de facto, o saneamento está a chegar às casas das pessoas quando anteriormente não existia. Nós estamos de facto a fazer saneamento, muito saneamento, e isto está de facto a suscitar a reacção das pessoas, mas só se paga uma vez; é quando o saneamento chega, é quando uma casa nova se faz. Depois deixe-me lembrar ainda, os Serviços tiveram o cuidado de permitir que este pagamento que são 82 contos fosse fraccionado em 12 prestações, portanto isso aligeira o encargo devido e as pessoas que têm dificuldades, os Serviços tem tido a postura e a compreensão no cumprimento dos prazos, além de todas as situações de excepção que foram devidamente elencadas. Todo o país cobra estas taxas, à excepção de Beja e, portanto, não se trata aqui de qualquer política estranha que nos tivéssemos lembrado de aplicar. Trata-se é do sentimento que existe em todo o país de que estas empresas, Serviços Municipalizados, a instalação do saneamento tem custos, estes custos têm uma utilidade social que deve ser repartida por todos, mas que infelizmente está a provocar estas reacções.

Uma outra questão que levantou e que na altura tive dificuldade em explicar, é a questão de saber porque é que quem tem um prédio de 8 andares paga 82 contos a repartir pelos 8 andares e uma pessoa que tem uma vivenda paga o mesmo. Pode haver de facto aqui alguma injustiça relativa,

mas também é certo, que quem tem andares tem outras despesas de condomínio e na vivenda não tem, mas a verdade é que aqui limitámo-nos a cumprir uma lei geral do país, não inventámos nada. Pode ser que a lei esteja mal, é uma questão para a DECO analisar, nós estamos a cumprir a lei geral do país, não se trata de um regulamento da Assembleia Municipal nem de uma postura da Câmara.

Depois a pista de velocípedes. A pista, como tem sido percebido por toda a gente, está a ter enormes expectativas. Vamos ter uma jornada de grande promoção da pista no dia 11 de Julho, têm-se procurado ter 1.500 bicicletas na Avenida Lourenço Peixinho e trazer cá as televisões e já haverá as primeiras 10 BUGAS, que serão apresentadas. Não está ainda o sistema completo, como sabem o sistema terá além das pistas um sistema para articular com os automóveis, terá as três oficinas, terá o sistema de carga e descarga, terá um veículo para recolher as BUGAS que ficarem abandonadas, a sinalética está a ser preparada; vamos fazer uma jornada de grande promoção e daqui a mais algum tempo quando o sistema estiver todo pronto, então sim faremos uma inauguração como deve ser. Mas a adesão é tão grande, que temos já de facto 1.500 bicicletas para estar na Avenida. Vai ser um espectáculo lindíssimo para todos presenciarmos.

Associação Académica. As relações são muito boas. E tive a oportunidade de estar no jantar comemorativo da Associação Académica, nós acabamos de ceder o prédio do antigo clube de Aveiro à Associação Académica para a instalação de um centro universitário no centro da cidade, potenciando assim aquilo que já existe em termos práticos, mas potenciando do ponto de vista físico esta melhor inserção dos estudantes na cidade e a convicção, a partilha, de sentimentos que existe é que temos uma Associação Académica que está a passar uma fase muito boa, porque tem de facto uma direcção que é activa, interveniente, com imaginação, com capacidade para defender causas que não são apenas causas cooperativas, de circunstância, são causas que são fundamentais para todos nós e para toda a sociedade portuguesa e tem sabido granjear o respeito e a simpatia de todos. E porque de facto são de facto uma boa Associação, são muito exigentes com a Câmara e tem uma grande expectativa em relação à Câmara e a Câmara nem sempre está à altura e ao ritmo e às pretensões que eles gostariam. É evidente que há aqui outras questões que tem de ser analisadas e que nós já conversámos com eles. Uma Câmara não pode só olhar para a Associação Académica, tem dezenas de outras associações que dependem em exclusivo do orçamento da Câmara, e felizmente a Associação Académica não, tem um orçamento de 200 mil contos, que é um orçamento enormíssimo quando comparado a outras associações. Mas julgo que estão criadas as condições para que a cidade possa beneficiar muito do trabalho, da animação, da vivência, da Associação Académica.

Aveiro e Ílhavo, uma proposta que passou aqui quase despercebida do Sr. Gaspar Albino, que eu acho muito interessante. Ele falou da futura junção entre Aveiro e Ílhavo. Eu não sei como é que o meu colega de Ílhavo vai reagir, mas devo dizer que nós temos trabalhado muito bem, depois daquela fase em que houve necessidade de afirmar Ílhavo contra Aveiro, isso está ultrapassado, e no dia-a-dia temos sentido ambos a necessidade de trabalhar em conjunto toda uma série de planos e estamos mesmo a dar passos concretos para assinar planos inter-municipais, que são fundamentais para o desenvolvimento estratégico de Aveiro e Ílhavo. E, da minha parte, haverá sempre disponibilidade para que Aveiro e Ílhavo tenham relações institucionais cada vez mais estreitas, sem caminhar para processos sempre traumáticos de fusões de concelhos. O que interessa é que este dois concelhos estejam geminados pela malha urbana e pela mobilidade das pessoas, devemos é tirar partido dessa unificação de interesses que já existem.

A Lota abandonada. De facto a lota está desactivada, é um problema que nos preocupa, porque neste momento há um foco de coisas de alguma insegurança e de coisas que podem ser graves. Mas estamos também a caminhar no sentido de rapidamente deixar de ser. Ontem mesmo, tivemos uma reunião com a Universidade de Aveiro e com a APA, com a equipa do Arquitecto

Nuno Portas, a quem foi adjudicado o plano de ordenamento da zona que vai desde a ponte S. João e o pavilhão náutico do clube dos Galitos. Quem viu, já se apercebeu que é um estudo muito bom, de grande qualidade. Propõe um zonamento para a Universidade, onde haverá uma torre panorâmica e um complexo para a Universidade de cariz científico; haverá a zona dos clubes náuticos, haverá provavelmente um hotel, haverá o museu da Ria, e depois haverá uma zona para bares, cafés, discotecas, estacionamento, é uma espécie de mini-Expo à nossa escala. Penso que vai ficar muito bonito. Estamos agora na fase de desenvolver esse projecto e pensar na engenharia financeira necessária para que tudo isto não demore muitos anos a fazer-se.

Zonas perigosas de Aveiro. É verdade que se tinha dado o alerta aqui nesta Assembleia, zonas de explosivos, armazenagem de materiais inflamáveis. O recado não ficou em saco roto, o levantamento está a ser feito pelo nosso serviço de Protecção Civil, com a colaboração dos Bombeiros e demais entidades. Infelizmente aconteceu aquele incêndio num sítio que poderia ter sido muito perigoso. Eu tive oportunidade de lá ir, porque de facto disseram-me que era ao lado das tintas Dyrup e estive lá. Os nossos Bombeiros responderam realmente a tempo e conseguiram controlar, não houve desta vez nenhum incidente, mas é de facto uma coisa que nos preocupa. Há de facto zonas no centro da cidade com um forte potencial de perigosidade.

A cooperativa Chave. O Sr. Presidente da Assembleia começou por trazer através de uma carta - a cooperativa Chave queixa-se nessa carta, que não tem resposta da Câmara desde 1 de Janeiro 1999. Bem, isto dito assim de facto impressiona e portanto, eu faço questão de dizer aqui que desde Janeiro até Junho, a Câmara já teve com a cooperativa Chave umas 5 reuniões. E o que está em causa, de facto todos se apercebem, quem passa ali, a cooperativa Chave tem uma área de construção que é muito superior àquela que inicialmente tinha sido aprovada e por isso, há cálculos de taxas de construção que têm vindo a ser feitos e tem havido alguma divergência no cálculo dessa taxa. Bom... isso já podia de facto estar resolvido. Já está resolvido da parte da Câmara, porque já deliberámos a taxa que é devida, é uma questão que eu diria está ultrapassada e em relação à qual eu não atribuo-o grande importância.

O Hospital de Aveiro. Nós temos a desdita de ter um Hospital com vinte e tal anos, não é um Hospital muito antigo, por um lado. Por outro lado, temos o facto de poder olhar para os lados e termos na Feira e em Viseu, termos hospitais de nova geração, que nos deixam de facto a pensar. Eu queria recordar, que é por força de uma recomendação desta Assembleia que a Câmara está neste momento em negociações com o Hospital, para vender os terrenos dos armazéns gerais. Porque a primeira opção da Câmara não era essa. Eu também estou convencido, que no dia em que for preciso construir um novo hospital em Aveiro talvez não seja ali o sítio dele; apesar daquele território todo reordenado ter espaço para um hospital moderno, com todas as condições. Mas é por força de uma recomendação desta Assembleia, que nós estamos em negociações com o Hospital para vender a fatia dos Armazéns Gerais, portanto convém que isto seja lembrado. Eu também partilho da ideia, que se vamos ter um quadro comunitário de apoio à porta, em que os grandes investimentos terão lugar, pode perfeitamente e devemos se calhar um novo hospital para Aveiro; sendo certo que o que ali está sempre será reconvertível. Agora, estamos de facto nesta posição desconfortável, que é ter um hospital que ainda vai servindo (eu gostava de distinguir a questão do edifício da questão do funcionamento). Sobre a questão do funcionamento eu não me pronuncio, não tenho dados para poder seriamente fazer um juízo de valor da forma como o hospital é gerido. Da questão do edifício somos apanhados a meio caminho; é um edifício que ainda tem capacidade (e dizem-me que ainda tem alguns corredores vazios e que podem ser aproveitados) e, portanto, temos sempre alguma fragilidade comercial quando aparecemos a dizer que precisamos de um hospital novo já. É evidente que, quem tem de decidir no Governo olha em volta e diz assim: vocês precisam já, mas há aqui uns que já precisavam há muito mais tempo. Mas penso que todos estamos de acordo que de futuro Aveiro terá de ter um hospital condizente

com a sua ambição, com a sua população, com a importância estratégica que é ter aqui uma Escola Superior de Saúde, com o perfil que vem a ser desenhado e, portanto, não devemos perder esse fito apesar das dificuldades negociais que são estas, que compreenderão.

A Presidência Aberta e a visita a Esgueira. Está prometido Sr. Presidente de Junta, de facto três ou quatro visitas importantes ficaram por fazer; por causa de uma visita do Sr. Presidente da República tive de me ausentar nessas duas ou três horas, mas está prometido. As pessoas foram de uma generosidade enorme e tinham preparado uma recepção muito interessante - não faltarei. Quanto ao Beira-Mar. Gostei de ver toda a unanimidade que se gerou, nem podia ser de outro modo naturalmente, em torno deste feito desportivo do Beira-Mar e que marca a história do Beira-Mar, e de Aveiro, e do desporto português. Porque é a primeira vez que o Beira-Mar ganha a Taça de Portugal, é a primeira vez que uma equipa que é despromovida à II divisão ganha a Taça de Portugal, e é a primeira vez que uma equipa de Aveiro faz isto: vai à Super Taça e vai à Taça UEFA estando na II divisão. É de facto um feito do ponto de vista desportivo; é marcante. A Câmara Municipal avaliou isso bem e decidiu atribuir a medalha de ouro pelo mérito desportivo e julgamos que é perfeitamente adequada. Esta festa toda e a espontaneidade que se gerou na beira-mar naquela noite e que foi muito melhor do qualquer festa organizada, porque foi espontânea e as pessoas vieram todas para a rua, quer dizer qualquer coisa, que dizer que há de facto uma grande disponibilidade para que o Beira-Mar possa ter condições de desenvolvimento sustentado no futuro. E esta direcção, que eu queria publicamente louvar pelo trabalho que foi feito ao longo deste ano, soube criar as condições para que este êxito desportivo acontecesse, teve a infelicidade enorme de descer de divisão, mas penso que deve ter a ciência para saber agarrar este capital de simpatia que o ganho da Taça desencadeou. Porque o futuro está de facto aí, nós somos o principal pólo urbano da bacia do Baixo-Vouga, somos a principal equipa de futebol com um palmarés que é superior ao União de Leiria ou ao da Académica e, portanto, temos de facto condições económicas, anímicas e de organização, para criarmos uma equipa sólida e que possa representar condignamente toda esta região no futebol nacional. Também não gostava de misturar as coisas com o Aveiro Basket. A época ainda não começou, nós temos uma equipa reforçada este ano, perguntava-me se eu conhecia o passivo dos 50 mil contos. Não é passivo é o défice que foi apurado, é o défice da época transacta, e como o compromisso era que o contador, quando entrassem novos accionistas ficasse a zero, esse compromisso foi mantido e as dívidas que temos neste momento são irrisórias, são de 4 ou 5 mil contos. Esse défice foi da época passada e foi pago.

Houve várias referências a Santa Joana. Sem que isto seja uma Presidência Aberta e sim uma Assembleia Aberta, houve aqui comentários muito interessantes sobre os problemas que Santa Joana tem neste momento. Desde logo a questão da sinalética, tiveram grande dificuldade em chegar aqui, perderam-se, outros deparam-se com a disponibilidade e a simpatia das pessoas de Santa Joana para cá chegarem. Um dos principais problemas de Santa Joana é o sistema viário. De facto, Santa Joana da forma como foi criada, resultou da junção de diferentes lugares que não tinham sido planificados e, portanto, teve um crescimento ao longo das estradas existentes o que torna a circulação em Santa Joana um verdadeiro labirinto. Este Executivo tem dado passos que julgo vão mudar radicalmente a freguesia de Santa Joana e antevejo que Santa Joana será num futuro próximo uma freguesia em que haverá muita qualidade para viver e esse estudo viário vai induzir essa qualidade de vida.

Nós estamos por um lado a abrir o eixo estruturante e, portanto, a freguesia de Santa Joana ficará com acesso de duas faixas até ao centro da cidade, e estamos a projectar uma avenida mais larga que a Lourenço Peixinho, que será uma das grandes avenidas que se irá abrir em Aveiro neste século, que é o prolongamento da alameda, cruzando a rotunda da policlínica e vindo direitinha até aqui onde estamos. É uma avenida quase em linha recta que estamos neste

momento a desenhar e que irá ser o elemento estruturante do desenvolvimento da freguesia. São projectos que temos vindo a desenvolver e que são para fazer se tudo correr bem.

As escolas. Nós temos feito um esforço enorme nas escolas, designadamente em Santa Joana, e o Sr. Presidente da Junta é testemunha disso, temos as escolas Primárias e pré-Primárias muitíssimo melhor do que estavam quando nós iniciámos funções. Tem havido uma atenção enormíssima com as escolas. Tem havido uma atenção como nunca houve nas escolas e estamos muito à vontade nessa matéria. Mas há muito para fazer em Santa Joana, por exemplo a aldeia desportiva. Santa Joana está absolutamente carecida de equipamentos desportivos.

O Dia de Portugal. Dr.^a Virgínia disse tudo, os elogios foram muitos, o Sr. Presidente da República esteve cá depois disso e teve ocasião de me manifestar a forma impecável como toda a gente tinha sido recebida e sentiu a cerimónia. O facto de ter sido em pé teve a ver com duas razões: primeiro porque é habitual, segundo porque era muita gente. Nós tivemos dois momentos, um que foi com o Corpo Diplomático sentados, em que de facto eram menos e pudemos organizar dessa forma. No outro almoço, como nos apareceram nos últimos dois dias 200 pessoas a mais, qualquer possibilidade de sentar as pessoas estava fora de causa. Depois estou de acordo com a Dr.^a Virgínia, não vou contar ao lado de quem fiquei no jantar do Corpo Diplomático, mas com todo o respeito com os dois Monsenhores que lá estavam, não pude conversar com mais ninguém. São coisas que acontecem nestes jantares sentados. Portanto teve a vantagem das pessoas poderem circular, poderem conversar com pessoas importantes que doutra forma não chegariam à fala, o ambiente foi descontraído, felizmente as coisas correram bem e o agrado foi geral.

Também não estou de acordo com o Sr. Dr. quando diz: “era cedo”. A comitiva da presidência que veio cá organizar disse o contrário, disse que “fora de Lisboa, nunca tinha encontrado condições tão boas”. É claro que temos ali aquele buraco, mas só mostra de facto que estamos a trabalhar e as pessoas percebem isso muito bem.

Há pouco esqueci-me de dizer. A Câmara Municipal de Aveiro, não teve qualquer responsabilidade nos convites que foram enviados às pessoas para o final da Taça, para a Tribuna. Foram da responsabilidade do Sr. Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, que era quem organizava. A Câmara enviou bilhetes que tinha a toda a gente, mas não tínhamos bilhetes para a Tribuna. Eu fui para a Tribuna na qualidade de Presidente da Assembleia Geral do Beira-Mar.

O Acesso Sul à auto-estrada. Como sabe, eu fui a primeira pessoa a defender isso ainda em campanha. As pessoas ainda nem percebiam bem aquilo que eu estava a falar. Mas todos não seremos demais, porque continua por fazer, e é uma obra que a JAE tem parada à vários anos e que é fundamental para a Aveiro.

Finalmente as praias. Só se for no quadro da junção com Ílhavo, porque nós de facto não temos responsabilidade nas praias. Temos a praia de S. Jacinto que nessa aí ainda não temos esses problemas, mas julgo saber que há um plano para este ano para protecção e segurança nas praias, está previsto a vigilância das praias com meios reforçados de S. Jacinto para Norte.

Bem, creio que respondi às questões essenciais, se me tiver escapado alguma agradeço que me recordem.”

Vogal Britaldo Rodrigues:

“Dado o adiantado da hora, vou ser muito rápido. Na minha intervenção falei da pista de velocípedes. O Sr. Presidente disse como é que ia ser o dia da inauguração, e a crítica que eu fiz, diz respeito ao facto de ter sido construída antes de salvaguardar alternativas para estacionamento de automóveis; essa crítica mantêm-se. Em relação à Associação Académica da Universidade de Aveiro, diz-nos que tem um orçamento de 200 mil contos - é grande em relação

a outras associações, acho que há que fazer a análise do financiamento “per capita” e uma análise dos custos benefício. Mas o meu problema não foi esse, foi apenas congratular-me pelo facto de finalmente verificarmos uma postura diferente da Câmara em relação à Associação Académica, que resulta de uma posição coerente da oposição nesta Assembleia e também da actividade da própria Associação Académica.

A propósito da vitória do Beira-Mar, eu referi que são precisos critérios para financiamento do desporto profissional, em relação ao qual não obtive nenhuma resposta, até para evitar aquilo que foi dito pela Dr.^a Virgínia Veiga, que é necessário não haver dois pesos e duas medidas. Quando as coisas correm bem vamos financiar, quando as coisas correm mal criticar quem financiou, e é por isso que é preciso haver critérios.

Finalmente, uma coisa que não referi e que me parece importante, é o seguinte: quando me desloco da minha casa para a universidade, do Alboi para a rua da Pêga, há ali um local que é difícil passar-se ali sobretudo em altura em que as pessoas vêem da praia. E eu tive no outro dia a alegria de verificar umas coisas que me parecem semáforos e que me pareciam algo de importante para aquele cruzamento. Com o tempo, verifico que devem ser objectos de adorno porque de facto não funcionam como semáforos. De modo que na campanha eleitoral colocámos lá umas bandeira do PSD, com a cor laranja, mas mais do que isso não se fez. Quando é que aquilo fica ligado? Obrigado.”

Presidente da Câmara:

“Vão ser ligados amanhã.”

Vogal Virgínia Veiga:

“Muito rapidamente. Relativamente ao estacionamento, tenho a minha actividade profissional na zona do Mercado, e devo dizer que é estranho, mas depois que começaram a construir a pista e, portanto, que há muito mais dificuldade de estacionamento as pessoas devem-se ter habituado a recorrer ao parques particulares que há por ali à volta, porque é incrível mas há estacionamento. Pouco é verdade, mas há mais do que havia antes.

Agora, relativamente à questão das praias, em relação à Barra, uma vez que há esses encontros a outros títulos com o Sr. Presidente da Câmara de Ílhavo, eu gostaria que fossem dadas pelo menos três sugestões. Eu penso que pelo menos haja uma mota de água, pelo menos na zona entre os paredões, porque há ali umas correntes onde morrem todos os anos gente, porque os nadadores salvadores não têm tempo eles próprios de chegarem lá. Deveria haver também um mergulhador em serviço permanente naquele sítio, e por outro lado, eu vejo que as ambulâncias pese embora estejam de permanência, nunca mais chegam à zona do paredão. Haveria que ter cuidado com aquelas pessoas que estão por ali a vender T-shirts e deixar um corredor permanentemente em aberto para que as ambulâncias pudessem chegar ao paredão. São pelo menos estas medidas de prevenção que penso importantes.”

Vogal Nuno Tavares:

“Sr. Presidente, eu não quero levantar qualquer polémica sobre o 10 de Junho. A alusão que eu fiz foi na sequência da intervenção do Dr. Neto Brandão, que apontava ao Executivo vitórias sobre vitórias. E não fica mal a um membro da oposição exprimir uma opinião pessoal. Pode acreditar que fora de Aveiro eu sou um defensor intransigente de Aveiro, em particular com os meus amigos de Coimbra.

Agora, aparte disso, eu fiz duas perguntas muito concretas a que o Sr. Presidente não respondeu. E só num segundo, dizer uma coisa, eu há meses coloquei uma questão ao Eng.º Cruz Tavares, que me disse ao jantar que já tinha posto o problema ao Dr. Eduardo Feio, que é a seguinte: Que

era a possibilidade de reabrir a quem circula na Avenida 25 de Abril, no primeiro cruzamento a seguir à rua de Oita, à esquerda, haver novamente a possibilidade de cortar à esquerda. Porque quem tem necessidade de inverter a marcha, tem de ir até ao semáforo, e tenho verificado nas horas de ponta que é uma confusão tremenda. Quanto às perguntas que fiz, se o Sr. Presidente não me quiser responder, me quiser dar uma resposta pessoal, não há problema nenhum. Agora gostava de saber, porque se calhar tenho de responder à pessoa."

Presidente da Câmara:

"A colecção do Lauro Curado, de facto tivemos já duas conversas com a viúva e o Sr. Jaime Borges foi mesmo a Lisboa ver a colecção. Neste momento não temos acordo porque o preço que nos estão a pedir é de facto muito elevado. Nós sabemos que é um pintor importantíssimo, de Aveiro, com quadros de Aveiro, com uma colecção que nós gostaríamos de trazer para Aveiro, pelo menos parte dela. Ao preço que está a ser pedido achamos que é muito dinheiro." Quanto à outra questão, eu na altura recordei que vimos isso em Câmara e estava tudo regular. Isso já foi há muitos meses, não me recordei dos pormenores, mas estava tudo regular."

Vogal Armando Vieira:

"Já que se falou de semáforos, queria dizer que há vários anos ando a pedir uns limitadores de velocidade semaforizados para Quintãs, onde nos últimos anos morreram 18 pessoas, e nos últimos dois meses houve três acidentes graves no mesmo troço. Eu não percebo porque é que já foram instalados semáforos noutros locais do concelho, que foram pedidos muito depois e eu ando há anos a pedir isto e não tenho os semáforos em Quintãs.

Outra questão. O Sr. Presidente da Assembleia não me vai levar a mal, mas eu estive aqui a desfolhar o projecto de criação da freguesia Santa Joana, e Sr. Presidente, V.Ex.^a poderá ter tido uma participação anterior ao projecto em si, (temos de dar o seu a seu dono), mas quem trabalhou intensamente no projecto da criação foi o Sr. Custódio Ramos, membro desta Assembleia. É o que eu depreendo do que estive a ler. Obviamente que o Sr. Dr. Candal pode ter dado um pontapé, mas entretanto com certeza depois essa documentação perdeu validade e depois o projecto teve desenvolvimento quando o Sr. Custódio Ramos foi Deputado. Obviamente que teve também a ver com isto o então Deputado Dr. Portugal da Fonseca, do PSD; obviamente que teve a ver com isto o então Presidente da Assembleia da República Dr. Fernando Amaral, do PSD; e entre outros o Deputado PP, Abreu Lima; o Manuel Moreira, que era relator do processo; O Dr. Paulo Barral do PS; o Dr. Carlos Cordeiro do PS, entre outros.

Para terminar, devo dizer que em tempos apresentei à Comissão Política do PSD, uma proposta de criação de uma Comissão, que eu próprio me responsabilizarei por dinamizar, que leve à execução de uma estátua a Sá Carneiro na cidade de Aveiro. Não é minha a ideia; tenho que lhe dizer que a ideia partiu do Dr. Victor Mangerão, na anterior Assembleia; não teve sequência e eu pretendo dinamizar a ideia e levá-la por diante e concretizá-la, e espero e apelo aqui, à colaboração da Câmara de Aveiro, na concretização deste objectivo a mais ou menos curto prazo. A localização obviamente, depois a Câmara dirá, mas havia então uma ideia da localização que seria algures na chamada Avenida Sá Carneiro. Fica a ideia e apelo à colaboração da Câmara, para levarmos à prática esta iniciativa."

De seguida, o Sr. Presidente da Mesa, colocou à votação da Assembleia a admissão do "Voto de Congratulação", não se verificando qualquer oposição. Colocado à votação foi o mesmo aprovado por unanimidade e aclamação proposta pelo Presidente da Mesa.

Dado o adiantado da hora o Sr. Presidente da Mesa deu por encerrada a presente reunião,

convocando no termos regimentais a próxima reunião da presente Sessão, para o dia 08 de Julho de 1999 (5.ª feira), pelas 18:00 horas.

Eram 01:00 horas do dia 01 de Julho.

Para constar e devidos efeitos se lavrou a presente acta, que tem como suporte a gravação magnética de tudo quanto ocorreu na respectiva reunião e vai ser assinada pelo Presidente e pelos Secretários nos termos legais.